

UNIVERSIDADE TIRADENTES

DANDARA PRADO DE SOUZA LOPES
GUSTAVO RODRIGUES SILVA

O PAPEL DA MULHER NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO DA TV ATALAIA

ARACAJU
2017

DANDARA PRADO DE SOUZA LOPES
GUSTAVO RODRIGUES SILVA

O PAPEL DA MULHER NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO DA TV ATALAIA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientadora
Profa. Me. Talita de Azevedo Deda

ARACAJU
2017

DANDARA PRADO DE SOUZA LOPES
GUSTAVO RODRIGUES SILVA

O PAPEL DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO DA TV
ATALAIA

Trabalho de Conclusão de Curso de
graduação, apresentado à
Universidade Tiradentes como um
dos pré-requisitos para a obtenção
do grau de Bacharel em
Comunicação Social com
Habilitação em Jornalismo.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Me. Talita de Azevedo Deda
Universidade Tiradentes

Profa. Me. Juliana Correia Almeida e Silva
Universidade Tiradentes

Profa. Dra. Jaqueline Neves Moreira
Universidade Tiradentes

Aos nossos pais que
sempre nos apoiaram
nessa longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por ele ser top.

Aos nossos pais, irmãos, familiares e namorado por todo apoio, torcida e incentivo.

Aos nossos colegas de faculdade que sempre nos apoiaram nos momentos de dificuldades na academia.

Aos nossos amigos da vida, por estarem sempre presentes em todos os momentos de luta e de glória até a realização deste trabalho.

À nossa orientadora Talita Déda, que abraçou a proposta desta monografia e acreditou no nosso potencial, nos incentivando sempre e nos conduzindo com maestria.

Às professoras Juliana Almeida, por corrigir nosso pré-projeto e nos fazer mudar o foco da pesquisa, e por ao lado da professora Jaqueline Neves aceitarem compor a mesa da banca examinadora.

Ao Seu Pedrinho e Tito da Biblioteca Epifânio Dórea, por compartilhar conosco os seus ensinamentos e por disponibilizarem jornais dos séculos XIX e XX para compor esse estudo.

Ao professor Ronaldo Linhares por ceder um livro tão raro sobre a história da imprensa sergipana.

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe por auxiliá-nos em todas as pesquisas.

Aos jornalistas entrevistados neste estudo: Eduardo do Valle, Fábio Teles, Lílian Fonsêca, Rafaella Oliveira e Raimundo Macêdo. As informações passadas

durante essa pesquisa foram de grande aprendizado e importante para entender como funciona o campo do jornalismo esportivo para as mulheres em Sergipe.

Nas grandes batalhas da vida, o primeiro
passo para a vitória é o desejo de vencer.

Mahatma Gandhi

RESUMO

Em um cenário em que os homens ainda são dominadores, as mulheres começam a crescer gradativamente no jornalismo esportivo, e, por consequente, na apresentação dos telejornais esportivos. Justifica-se no predomínio da mulher no comando das apresentações dos principais telejornais esportivos em Sergipe, pois, o Atalaia Esporte, da TV Atalaia, e o Globo Esporte, da TV Sergipe, têm mulheres na apresentação. O primeiro com Rafaella Oliveira e o segundo com Tâmara Oliveira. A escolha do tema para este estudo de caso teve como objetivo mostrar o papel da mulher no telejornalismo esportivo na TV Atalaia, com foco no Atalaia Esporte, analisando se a participação das mulheres à frente deste programa é meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial, a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando o recurso das entrevistas com os fundadores do programa, da direção da emissora e com as apresentadoras do programa, nota-se que há uma inserção da mulher na editoria esportiva, e assim, na apresentação do programa, não sendo uma questão de projeção de linha editorial. Na estrutura da pesquisa, há discussão de gênero no jornalismo, histórico do jornalismo esportivo no Brasil e em Sergipe, a história da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro até a chegada do estudo de caso.

Palavras-Chave: Mulher; Telejornalismo Esportivo; Atalaia Esporte

ABSTRACT

In a scenario where men are still dominant, women begin to grow gradually in sports journalism, and consequently in the presentation of sports news. It is justified in the predominance of the woman in charge of the presentations of the main sports news programs in Sergipe, since Atalaia Esporte, from TV Atalaia, and Globo Esporte from TV Sergipe, have women present. The first with Rafaella Oliveira and the second with Tâmara Oliveira. This case study aimed to show the role of women in sports television journalism in Sergipe, focusing on TV Atalaia, analyzing whether the participation of women in front of television news is an insertion or editorial line, using a qualitative approach, using the resource interviews with the founders of the program, the direction of the broadcaster and the presenters of the program, it is noticed that there is an insertion of the woman in the sports publishing, and thus, in the presentation of the program, not being a matter of editorial line projection. In the research structure, there is a gender discussion in journalism, a history of sports journalism in Brazil and in Sergipe, the history of women in Brazilian sports news media until the arrival of the case study.

Keywords: Women; Sports Newscast; Atalaia Sport

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

1 – Jornal Correio do Aracajú do dia 12 de setembro de 1907	20
2 – Jornal Correio do Aracajú do dia 17 de outubro de 1909	21
3 – Jornal Diário da Manhã do dia 10 de dezembro de 1926	23
4 – Jornal Diário da Manhã do dia 18 de maio de 1918	25
5 – Jornal Diário da Manhã do dia 6 de março de 1920	26
6 – Jornal O Imparcial do dia 30 de abril de 1919	28
7 – Jornal Espelho das Brasileiras do dia 6 de maio de 1831	34
8 – Jornal das Senhoras do dia 1 de janeiro de 1852	36
9 – Jornal O Domingo do dia 23 de novembro de 1873	36
10 – Edição do Jornal A Rua do dia 11 de abril de 1914	38
11 – Capa do Jornal Gazeta Esportiva do dia 15 de novembro de 1948	39
12 – Regiani Ritter, dentro do vestiário, entrevistando os ex-jogadores	40
13 – Jornal Recopilador Sergipano datado em 1 de junho de 1833	44
14 – Jornal O Libertador datado em 24 de janeiro de 1884	45
15 – Jornal Diário da Manhã datado em 29 de março de 1914	46
16 – Jornal O Paiz datado em 16 de maio de 1917	47
17 – Martina Franz, jornalista mexicana	49
18 – Mylena Ciribelli durante os Jogos Olímpicos de Seul (1998)	50
19 – Isabela Scalabrini durante a apresentação do Globo Esporte	51
20 – Jornal Gazeta de Sergipe do dia 17 de maio de 1975	56

21 – Jornal Gazeta de Sergipe destaca o início da transmissão da TV Atalaia	57
22 – Ex-apresentadora do Atalaia Esporte, Lílian Fonsêca	59
23 – Apresentadora do Atalaia Esporte, Rafaella Oliveira	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 JORNALISMO ESPORTIVO	13
2.1 Jornalismo Esportivo em Sergipe.....	17
3 GÊNERO NO JORNALISMO	25
3.1 A Presença Feminina No Jornalismo Brasileiro	28
3.2 A Presença Feminina Em Sergipe	37
4 A MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO	39
5 ESTUDO DE CASO	46
5.1 TV Atalaia.....	46
5.2 Atalaia Esporte	49
5.3 Estudo De Caso	51
5.3.1 Não é só um rostinho bonito	51
5.3.2 Inserção ou linha editorial?	51
5.3.3 Jornalismo Esportivo: Fazer a diferença, oportunidade de trabalho ou paixão?	51
5.3.4 Participação ou leitura de TP?	51
6 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE (S) E/OU ANEXO (S)	70

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é significativo para mostrar o avanço da mulher no telejornalismo esportivo de Sergipe, através do programa Atalaia Esporte da TV Atalaia e para entender os obstáculos e preconceitos enfrentados pelas jornalistas desde o século XIX no Brasil. Observando a evolução das mulheres na luta e conquista de direitos, desde a época em que as que sabiam ler escreviam em jornais pelos direitos da maioria que não sabia ler e nem escrever, no século XIX, até o aumento da quantidade de mulheres no jornalismo esportivo e na apresentação dos programas televisivos esportivos nestes últimos anos.

Mesmo depois de conquistarem o seu espaço no jornalismo, as mulheres ainda não eram bem-vindas no jornalismo esportivo, área restrita para os homens durante algum tempo. De acordo com Coelho (2011), era extremamente difícil, nos anos 1970, ter mulheres atuando nos cadernos de esportes das empresas de jornal. O cenário foi mudando com o passar dos anos, mais precisamente, no século XX, no final da década de 1970 e início da década de 1980, quando, por exemplo, já existiam mulheres como diretoras de jornalismo esportivo em São Paulo.

Quando se trata de telejornalismo esportivo, as mulheres começaram a atuar apresentando propagandas e lendo scripts. Mas após muita luta e quebra de preconceitos, acabaram conquistando seus espaços e atualmente é possível encontrar mulheres como comentaristas, editoras, produtoras e apresentadoras de programas esportivos tradicionais ou mesas redondas.

Mesmo que a presença feminina ainda seja reduzida em comparação ao espaço dedicado aos homens, as mulheres se destacam na apresentação dos telejornais esportivos, tais como Fernanda Gentil, Cristiane Dias, Mylena Ciribelli, Renata Fan, Glenda Kozlowski, na televisão aberta, Domitila Becker, Marcela Raffael, Bárbara Coelho, nos canais por assinatura.

Quando se trata de Sergipe, o primeiro jornal sergipano foi criado pelo Monsenhor Silveira em 1831 e nomeado de Recopilador Sergipano. Porém, a primeira revista escrita por mulheres no estado, O Bouquet, só foi publicada cerca de 44 anos depois, em outubro de 1876. Entre os anos 1884 a 1917, três mulheres são destaques no jornalismo sergipano: Etelvina Amalia de Siqueira, que escrevia muito sobre o abolicionismo e além de escrever para jornais sergipanos, colaborou no jornal “A Discussão” do Rio Grande do Sul; Itala Silva de Oliveira, que colaborou no Diário da Manhã e escreveu o texto “A mulher e o voto” para o jornal “O Paiz” do Rio de Janeiro; e Maria Conceição Perdigão Ferráz, ou Concita Ferráz, que redigiu o jornal Folha de Rosa no Maranhão e anos depois colaborou no Diário da Manhã com versos líricos.

A escolha deste tema foi realizada em virtude da escassez dos estudos feitos sobre a mulher no jornalismo esportivo e, em específico, no jornalismo esportivo sergipano, o que dificulta o acesso de pessoas interessadas no assunto e na pesquisa sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo em Sergipe.

Outro fator importante para a escolha do tema foi a perceptível dominação das mulheres na apresentação de telejornalismo esportivos em Sergipe. Nos dois telejornais esportivos de mais destaque, o Atalaia Esporte da TV Atalaia e o Globo Esporte SE da TV Sergipe, as apresentações são feitas por mulheres. No Atalaia

Esporte, o comando é de Rafaella Oliveira, porém antes Lílian Fonsêca apresentava o programa. No Globo Esporte SE, a apresentação é feita por Tâmara Oliveira.

O estudo foi restrito ao programa Atalaia Esporte pela curiosidade do histórico de apresentação ser todo feminino, desde a sua criação. Neste contexto, buscou-se respostas para a pergunta de partida: A presença feminina a frente do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial? Para responder a pergunta de partida foi realizado um estudo de caso como suporte metodológico.

O estudo de caso foi escolhido porque a intenção é analisar o papel das apresentadoras à frente do Atalaia Esporte, da TV Atalaia, e não analisar o conteúdo das notícias transmitidas no programa. Desta forma, os objetivos específicos foram divididos para debater os seguintes aspectos: discutir sobre gênero no jornalismo; analisar a presença feminina no jornalismo esportivo no Brasil e em Sergipe; abordar o papel da mulher para estabelecer mudanças no fazer jornalístico esportivo; observar de que forma a presença feminina trouxe uma diferenciação na narrativa e na construção da notícia sobre o esporte, na TV Atalaia.

Os questionamentos que nortearam o estudo foram: Como a presença feminina trouxe uma diferenciação na narrativa sobre o esporte, na TV Atalaia?; Será que a presença feminina é uma estratégia de inserção ou linha editorial?; Quais os objetivos das apresentadoras ao entrarem no telejornalismo esportivo da TV Atalaia?; Será que as apresentadoras do Atalaia Esporte, da TV Atalaia, expressam suas opiniões sobre o esporte ou apenas leem teleprompter?

Além do estudo de caso, foram realizadas pesquisas bibliográficas e exploratórias, com abordagens qualitativas, através de entrevistas realizadas com a atual apresentadora do programa, Rafaella Oliveira; a ex-apresentadora, Lílian

Fonsêca; o comentarista, Raimundo Macêdo; o produtor-executivo, Fábio Teles; e o diretor de jornalismo da TV Atalaia, Eduardo do Valle. A técnica de pesquisa utilizada foi entrevistas, ocorridas pessoalmente, com perguntas abertas, gravadas através do celular e decupadas para a utilização no estudo.

Este estudo inicia com a história do jornalismo esportivo no Brasil e, mais especificadamente, em Sergipe; e depois segue para a discussão de gênero no jornalismo, junto com a presença feminina no Brasil e em Sergipe. O quarto capítulo aborda a mulher no telejornalismo esportivo; e o capítulo seguinte trata-se do estudo de caso, relatando a história da TV Atalaia, do Atalaia Esporte e descrevendo o estudo de caso realizado nesta pesquisa, com ênfase no que foi dito pelos entrevistados.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

Segundo Barbeiro e Rangel (2013, p.13), “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda [...]”. Apesar desta afirmação, o jornalismo esportivo demorou para ser algo popular. O jornalismo de hoje moldou-se com o tempo e se tornou especializado graças ao interesse do público o que o consome. “[..] o jornalismo especializado é uma resposta a essa demanda por informações direcionadas que caracteriza a formação de audiências específicas.” (ABIAHY, 2000, p.5).

Para reforçar essa ideia, Bahia (1990) explica que cada notícia passada deve ser feita conforme o público que o consome. “[..] a informação dirigida à cobertura de assuntos determinados em função de certos públicos, dando à notícia, um caráter específico, é jornalismo especializado. ” (BAHIA, 1990, p.215). A especialização é o que move o consumidor a buscar os mais variados tipos de assuntos no jornalismo, e o jornalista precisa estar atento a essa especialização, pois precisa saber lidar com o público que consumirá sua notícia, na editoria do esporte não é diferente.

O trabalho do jornalista transforma o esporte em espetáculo. Como cita Borelli (2002),

O esporte só ganha existência social porque passa por procedimentos técnicos, teóricos e por uma grande conversação empreendida no cotidiano, seja pela construção da agenda midiática ou pelas falas dos atores sociais - da opinião pública. Sem o empreendimento da linguagem sobre o esporte, ele passa a ser apenas uma atividade regrada, praticada pelos seus atores, ficando limitada à experiência daqueles que o vivenciam. (BORELLI, 2002, p.3).

As pautas jornalísticas vão além da cobertura ou dos resumos dos jogos. A mídia transmite os treinamentos, as polêmicas, os relacionamentos entre os atletas, os pré-jogos, os pós-jogos e até coisas da vida pessoal do atleta. Ou seja, retrata o dia-a-dia do esporte através de análises, julgamentos, opiniões e informações. Este conjunto fideliza o público e leva o esporte para além das barreiras das competições e treinamentos.

De acordo com Borelli (2002), a editoria de esporte é uma das mais autônomas dentro do jornalismo pela busca da liberdade na produção de notícias. Para a autora, “O jornalismo tem regras próprias para narrar, apresentar, expor, enfim, tematizar o esporte.” (BORELLI, 2002, p.4).

A autora ainda afirma que o jornalismo esportivo cria características próprias do esporte, dando visibilidade ao acontecimento e fugindo das regras tradicionais do jornalismo.

O jornalismo esportivo é permeado pelo inusitado, pelo inesperado, já que são conhecidas apenas as regras do trabalho de produção de sentido (técnicas como a linguagem jornalística, formas de captação da informação, ideologia da empresa, etc), mas não suas estratégias e tão pouco as contra estratégias dos próprios leitores, que mobilizarão seus valores, cultura e biografia para fazer sua própria codificação do que foi ofertado e produzir novos sentidos. (BORELLI, 2002, p. 11).

Outra característica marcante do jornalismo esportivo é a paixão. É de conhecimento popular a expressão: “Torcedor é apaixonado”. A pressão sofrida por jornalistas ao criticar um time, ao falar bem ou mal de um jogador, podem afetar diretamente no trabalho, até porque, em alguns casos, o jornalista também tem seu

time do coração, e pode ter sido esse um motivador para começar na carreira de jornalista esportivo, ou seja, é preciso saber lidar e controlar os sentimentos.

O esporte não alcançava, se quer, uma capa de jornal, no início do século XX. A trajetória do jornalismo esportivo no Brasil teve um início incerto, uma curiosidade para a editoria que, hoje, é uma das mais famosas do país, de acordo com Coelho (2011). Ainda segundo ele, antes do futebol, o caderno esportivo era simplesmente deixado de lado nas redações.

O esporte brasileiro, naquela época era o remo, esporte considerado nacional, era a modalidade que era veiculada nos jornais brasileiros. O futebol, atual paixão nacional, entrou muito tempo depois no gosto dos jornalistas. Graciliano Ramos¹, inclusive, teve a coragem de dizer que: “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram com facilidade na terra do espinho”. (COELHO, 2011, p.7). Outro crítico da editoria do esporte, que mais para frente se rendera à paixão pelo futebol, foi João Saldanha². Segundo Coelho (2011), Saldanha afirmou certa vez, quando alguém resolveu criar não um caderno, mas sim uma revista dedicada exclusivamente ao esporte, que a mesma nunca sairia das primeiras páginas. Essa revista é a *Placar*, que tem mais de 40 anos de história.

Falar em jornalismo esportivo no Brasil é voltar ao começo dos anos de 1910. Existia no estado de São Paulo, um jornal que trazia notícias de um esporte não muito conhecido na época, o futebol. Era o jornal *Fanfulla*. Segundo Coelho (2011), o veículo não oferecia no seu corpo jornalístico matérias detalhadas, nem tão pouco esquemas táticos, ou escalações, mas chamava a população italiana que morava na capital paulista a criarem um time de futebol. Foi assim que se deu a

¹ Graciliano Ramos foi um aclamado romancista brasileiro; sua grande obra foi *Vidas Secas* (1938);

² João Saldanha foi um reconhecido cronista esportivo do jornalismo brasileiro; foi também técnico da seleção brasileira de futebol.

criação do primeiro time da capital paulista, o Palestra Itália, o atual Sociedade Esportiva Palmeiras. “Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra” (COELHO, 2011, p.8).

Mas de fato, foi no Rio de Janeiro, em meados de 1931, que nasceu o primeiro jornal especializado em esporte, o Jornal dos Sports. “O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí.” (COELHO, 2011, p.9).

Já havia outro jornal à época que mostrava as notícias esportivas, era a Gazeta Esportiva, mas a mesma era apenas um anexo do jornal original A Gazeta, tornando-se especializada em esportes pouco antes dos anos de 1950.

Para traçar um paralelo interessante sobre a lenta evolução dos materiais de esporte no Brasil, basta recorrer a outros países e suas datas. Na Itália e na Argentina, por exemplo, as publicações exclusivas de esporte datam desde 1927. No Brasil, este tipo de material só foi aparecer regularmente quase 50 anos depois, na década de 1970. (BRETONES, 2010, p.13).

Na década de 1960, o Brasil já se tornara uma imprensa esportiva em larga escala. Segundo Coelho (2011), o Jornal da Tarde mudou muita coisa em suas redações. Ao invés de ter apenas cobertura de jogos, os funcionários do jornal também eram destinados a falar sobre a administração dos clubes, as polêmicas extracampo, e sobre “[...] o futebol jogado pelos cartolas fora de campo” (COELHO, 2011, p. 10).

Nesta década, a editoria esportiva era mais vista, graças às crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho. O público, àquela época, pouco se importava com o jogo violento, graças a leveza nas palavras dos irmãos, que aumentaram ainda mais o público do futebol.

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. (COELHO, 2011, p.17).

É importante frisar que esporte não é sinônimo de futebol. O profissional que achar que chegará a uma redação esportiva para apenas falar de futebol, está enganado. É como aponta COELHO (2011), ao citar o exemplo da jornalista Cida Santos. “[...] ela assina uma coluna semanal sobre vôlei na Folha de São Paulo”. (COELHO, 2011, p.37).

2.1 Jornalismo Esportivo em Sergipe

De acordo com Dantas Junior (2009), a popularização do esporte em Sergipe aconteceu no século XX, com início nas ruas do Centro de Aracaju. Depois, com a construção do Parque Sergipe Industrial, pelo engenheiro têxtil Thales Ferraz, que trouxe o lazer e o esporte para os operários sergipanos.

Sintonizado com os princípios da modernidade e das bases da civilização calcadas no esporte, assimilados na sua passagem pela Inglaterra, o empresário aliou cultura artística e cultura esportiva em um gigantesco complexo anexo à fábrica. Segundo Lima (2003), o Parque possuía teatro, cinema, salão de festa, biblioteca, salas de aula, campo de futebol e quadras esportivas, onde se organizavam o aprendizado formal das letras, o apuro artístico com saraus, peças de teatro e fitas cinematográficas, além de se vivenciarem jogos de basquete e voleibol, danças populares, notadamente em cerimônias e atividades festivas. (DANTAS JUNIOR, 2009, p.12).

O autor ainda conta que as festividades cívicas do estado já promoviam corridas a pé e de bicicleta, porém o movimento esportivo na capital só começou a ter organização com a chegada do 26º Batalhão da Infantaria em 1906, que costumava realizar exibições de esportes militares, como torneios de tiros e corridas, ocorridas na Praça da Cadeia.

Estes mesmos oficiais foram os responsáveis por apresentar o futebol aos sergipanos, com a fundação da “Liga Militar de Football” em 1907. De acordo com Viana Filho (2003 apud DANTAS JUNIOR, 2009, p. 8), a primeira demonstração pública do futebol aconteceu em setembro de 1907 através da Liga e com a organização do Major Crispim Ferreira. “[...] reuniu muitos populares curiosos, surpresos e incrédulos com a virilidade do jogo, mas sorridentes ante a confusão gerada por tão fracos e desengonçados futebolistas. ” (VIANA FILHO, 2003 apud DANTAS JUNIOR, 2009, p. 8).

que todos esperam a parte *spor-
tiva* dos festejos.

Pouco depois das 4 horas surge a turma de inferiores para o assalto de esgrima, ao mando do capitão Bemvindo Ramos.

Agradou em extremo a execução dos *saltos, golpes e paradas* e a pericia com que foram dadas as descargas terminaes.

Seguiu-se o intervallo necessario ao descanso dessa mesma turma, que ás 4 horas e 50 minutos volvia á raia para o *match* do *foot-ball*.

A esse tempo a frente do quartal regorgitava de exmas. familias e grande era o movimento na praça.

Ao signal do *refere* reuniram-se os campeões dos dois clubs, e, tirada a sorte, coube o *kick off* ao *Independente*. O *forward* Calazans deu o primeiro *shoot* passando a bola *forward* Pacheco tambem do *Independente*.

A bola foi muitas vezes disputada pelo *Democrata*, cujos *forwards* investiam com detodo, mas o perito *goal-keeper* Alvaro não deixou vasar o *goal*. Começou a chuva que obrigou a fazer aqui o 1º *half-time*.

Dez minutos depois, a novo signal do *refere*, continuou a partida, numa successão de ataques e de defezas brilhantes, não conseguindo qualquer dos destimidos clubs *vasar* o *goal* contrario. O resultado foi portanto este: *Independente—0; Democrata—0.*

Figura 1 – Jornal Correio do Aracajú do dia 12 de setembro de 1907 relatando o jogo realizado em 7 de setembro de 1907. (FOTO: Acervo particular)

Segundo Dantas Junior (2009), a fundação Liga, restrita para times compostos com recrutas e oficiais, despertou uma necessidade de criar clubes esportivos civis. Com isso o lagartense Mário Lins de Carvalho e o Carlos Baptista Bittencourt reuniram homens com interesse em fundar um time de futebol. E assim, o primeiro clube de futebol sergipano foi fundado em 1909 com o nome de “Sport Club Lux”, mais tarde virou o “Club do Football Sergipano”. O autor ainda lembra a grande dificuldade de praticar o futebol na época com os jogadores do time treinando na Praça do Palácio, com a sede localizada na casa de um dos fundadores, o João Rocha, e com a raridade de materiais esportivos. No início, eram utilizadas bolas de meia ou de couro adaptado e as chuteiras vinham de Salvador ou muitas vezes, jogam descalços.

Enquanto o futebol expandia seu sucesso entre os populares da época, o remo encantou e atraiu sergipanos de famílias ricas. “Se nas festas religiosas e cívicas foi possível registrar, desde o início de novecentos, manifestações esportivas variadas, como corridas a pé, de bicicleta e futebol, no que tange ao remo, seus primeiros registros efetivos datam de 1908.” (DANTAS JUNIOR, 2009, p.13).

Segundo Dantas Junior (2009), a modalidade era o esporte mais importante do Brasil no início do século XX. Em Sergipe, o primeiro clube voltado para a prática do remo surgiu em 10 de outubro de 1909, com o nome de “Sport Club Cotinguiba” nas cores azul e branca. Sete dias depois, foi criado o “Sport Club Sergipe” nas cores vermelho e branca. Os dois clubes de regatas agitavam a rivalidade nos rios de Sergipe.

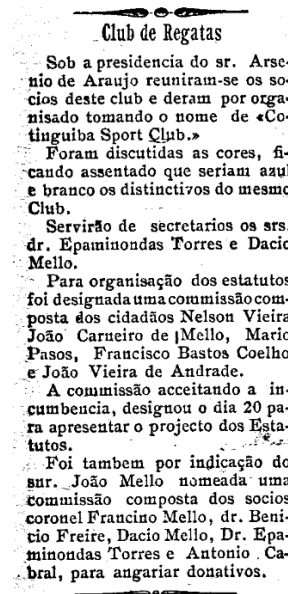


Figura 2 – Jornal Correio do Aracaju do dia 17 de outubro de 1909 falando sobre o Cotinguiba Sport Club
(FOTO: Acervo particular)

A primeira grande regata clubística de Aracaju, promovida pelo Sergipe e pelo Cotinguiba em 11 de junho de 1910, levou a população às margens do rio Sergipe para assistir à competição. A espetacularização do esporte através do jornalismo sergipano já se mostrava presente nesta época. De acordo com DANTAS JUNIOR (2009), a divulgação foi feita através dos jornais locais e o Jornal Correio de Aracaju registrou o acontecimento:

[...]Foi dado o signal da partida em toda a extensão do cais o povo tremia de entusiasmo encorajando os vigorosos remeiros, o pleito tornou-se a principio renhido, assim permanecendo por alguns minutos, decidindo-se a Victoria depois em favor do yole Nereida do Club Sergipe que chegou ao ponto terminal alguns metros de distância do seu competidor. Houve aclamações, e palmas para os vencedores que após pequeno descanso receberam o prêmio da Victoria entre applausos estrepitosos das mãos das senhoritas Dulce Sampaio, Clarita Cruz e Clélia Dantas. [...] (AS REGATAS, 15 jun. 1910, p. 4 apud DANTAS JUNIOR, 2009).

Segundo Guedes e Silva (2015), um dos primeiros jornais a noticiar o esporte foi o Correio de Aracaju, que trazia pequenas notas chamadas de “Regatas” após os surgimentos dos clubes de remo e também trazia notas informativas

enviadas por dirigentes dos times. Com a regularização de competições de remo, as notícias ganharam espaço.

Em 1916, a prática do futebol ganhou popularidade e, com isso, passou a integrar os clubes Cotinguiba e Sergipe, porém era voltado só para os sócios. O primeiro confronto entre as equipes foi realizado no dia 10 de dezembro do mesmo ano.

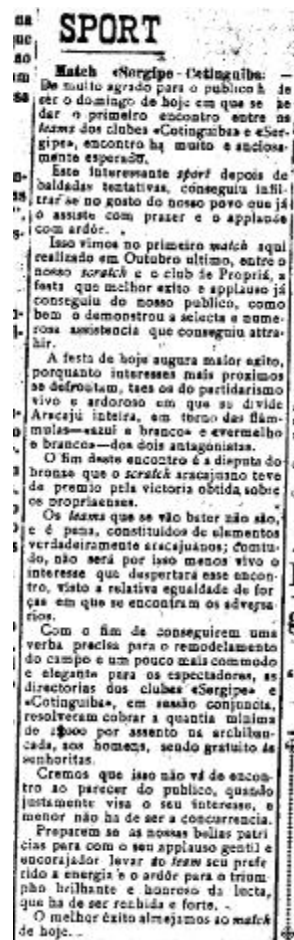


Figura 3 – Jornal Diário da Manhã do dia 10 de dezembro de 1926 destaca o primeiro jogo do Cotinguiba x Sergipe. (FOTO: Acervo pessoal)

Dantas Junior (2009) destaca o Almirante Amintas José Jorge como peça fundamental para esta e outras conquistas do esporte sergipano. O almirante nasceu em Aracaju no ano de 1860, porém estudou em Salvador e no Rio de Janeiro. O

autor lembra que Amintas Jorge era praticante de esportes e, ao voltar para sua terra natal, passou a integrar um dos quadros diretivos do Cotinguiba.

Amintas Jorge percebeu que a falta de uma federação ou liga esportiva representativa impedia o avanço do esporte local. De igual modo, entendia que se restringir à prática do remo, frente à popularização do futebol, limitaria a aceitação e participação de “Cotinguiba” e “Sergipe” na vida social aracajuana. [...] Seguindo essa percepção de modernização da cidade pela prática esportiva, os esforços de Amintas Jorge oportunizaram a inserção das mulheres nesse circuito de lazer e espetáculo visual. (DANTAS JUNIOR, 15 jun. 1910, p. 22 e 23).

Além disso, Viana Filho (sem data) lembra que Amintas Jorge convenceu o prefeito da época, Alexandre Freire, a liberar um auxílio para a construção de um campo de futebol na Praça Pinheiro Machado. “Nele, os sócios de Sergipe e Cotinguiba passaram a treinar juntos o futebol em equipe denominadas “black” e “Green”. ” (VIANA FILHO, sem data, p. 4). Neste campo de futebol foram construídas arquibancadas de madeira que, segundo Viana Filho, ficavam lotadas aos domingos.

O autor ainda destaca que Amintas Jorge foi o organizador do primeiro jogo de futebol, dentro das regras legais, em outubro de 1916 no campo da Praça Pinheiro Machado. O “Scratch de Aracaju” (uma junção do time do Cotinguiba com time do Sergipe) venceu o Sergipe FC (time de Própria e atual EC Própria) por 4 a 0, na presença “da maior aglomeração de público até então registrada em Aracaju” (VIANA FILHO, sem data, p. 4)

A criação da Liga Desportiva Sergipana e, conseqüentemente, do primeiro campeonato oficial de futebol aconteceram em 1918. De acordo com Viana Filho (2003 apud DANTAS JUNIOR, 2009, p. 13), os times participantes desta competição foram o Cotinguiba, o Sergipe, o 41º Batalhão Futebol Clube e o

Industrial Futebol Clube. Além disso, o autor lembra que o campeão foi o Sport Club Cotinguiba após vencer o Sergipe por 2 a 0.

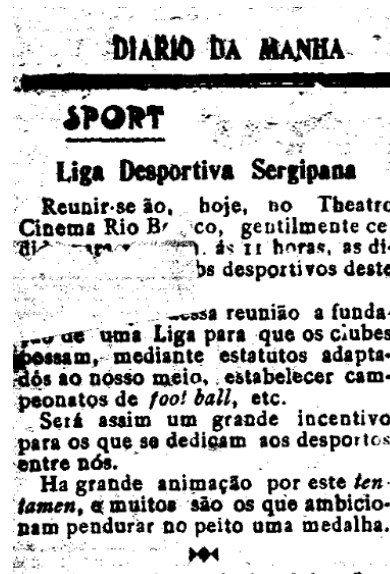


Figura 4 – Jornal Diário da Manhã do dia 18 de maio de 1918 destaca a criação da Liga Desportiva Sergipana e do primeiro Campeonato Sergipano. (FOTO: Acervo pessoal)

De acordo com Futebol Nacional (2017), os jogos do campeonato de 1918 eram realizados no Campo do bairro Siqueira Menezes, no campo da Praça Pinheiro Machado (Campo do Cotinguiba) e no Campo do Industrial, todos localizados em Aracaju.

Viana Filho (Sem data) lembra que em 1919 não ocorreu campeonato em Sergipe, voltando a acontecer apenas no ano seguinte. Mesmo ano em que o Estádio Adolfo Rollemberg foi construído. O estádio tinha metade do campo pertencente ao Sergipe e a outra metade ao Cotinguiba e foi o palco dos jogos do campeonato do ano de 1920 a 1948. Além deste, havia o campo Vitória onde ocorria realizações de jogos. O terreno do estádio foi uma doação de Adolfo de Faro Rollemberg (ou Adolfo da “Escurial”), neto do Barão de Estância e Japarutuba, que morreu em 3 de agosto de 1919.

Uma reunião da Liga Desportiva Sergipana, na Capitania dos Portos, com a presença dos presidentes do Sergipe e do Cotinguiba, visando a construção imediata de um Campo que desse ao futebol as condições de disputa, como esporte popular. Adolfo Rollemberg estava presente à reunião, cedeu um terreno que tinha limites nas ruas Campos, Vila Cristina, Monsenhor Silveira e Duque de Caxias, na metragem necessária para servir de praça de esportes. A reunião ocorreu no dia 27 de julho, e foi destacada no jornal Diário da Manhã, edição de 3 de agosto de 1919, tornando-se, a partir daí, de amplo domínio público o gesto de benemerência do empresário. (BARRETO, 2009, p.1)

Segundo Barreto (2009), o campo era, na verdade, uma praça de esporte murada. O autor ainda ressalta que neste campo surgiram outras equipes de futebol, como Vasco, Paulistano, Olímpico, Etéa e Confiança. A construção do estádio levou a popularização dos arredores que passaram a ser ocupados por casas modernas.

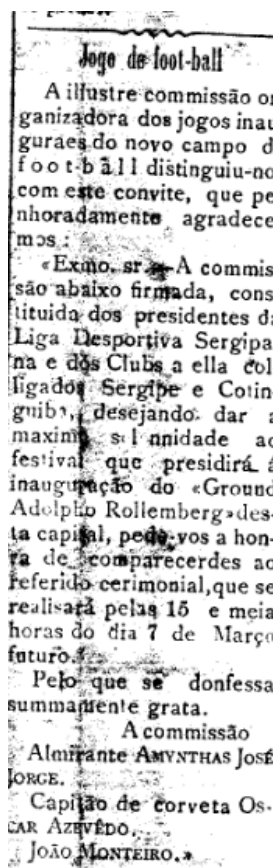


Figura 5 – Jornal Diário da Manhã do dia 6 de março de 1920 anuncia a inauguração do Estádio Adolfo Rollembeg. (FOTO: Acervo pessoal)

Quando se trata das mulheres, elas só obtiveram espaço no esporte sergipano em 1919, após exibições de ginástica sueca e destrezas militares na

comemoração a Batalha de Riachuelo. O convite para o evento foi feito no Jornal Correio de Aracaju:

São as seguintes senhoritas que se desenharam abrilhantar com o seu concurso a regata.

6º Pareo – Comandante Oscar Azevedo 400 metros Botes de 2 remos.

Colibry – Galhardete Encarnado; Patrão - Senhorita Candoca Jorge; Remadoras – Marina Jorge e Hayder Góis. Flirt – Galhardete Azul; Patrão – Senhorita Leonor Queiroz; Remadoras - As senhoritas Nair e Eleonora Jorge; Esperança – Galhardete Verde; Patrão – Senhorita Celsa Almeida; Remadoras – Senhoritas Luizinha Paes e Nedith Lopes.

7º Páreo – Guarda Marinha 400 metros, botes a 2 remos

Yanker – Galhardete Azul; Patrão – Senhorita Ceres Araújo; Remadoras – Senhoritas Odete Araújo e Riso Bittencourt; Primavera – Galhardete Verde; Patrão – Senhorita Edeltrudes Figueiredo; Remadoras – Senhoritas Aracy Paes e Josmesia Figueiredo; Veloce – Galhardete Encarnado; Patrão – Haydeé Moura; Remadoras – Senhoritas Jesuína Alves e Ilnah Santiago (COMEMORAÇÃO da Batalha de Riachuelo, 1 jun. 1919, p. 1 apud DANTAS JUNIOR, 2009).

Este evento despertou nas sergipanas o desejo de participar ainda mais dos esportes, o que influenciou na criação do Club Sportivo Feminino. De acordo com Dantas Junior (2009), o clube promovia a prática de vôlei, basquete e remo, além de organizar festas e saraus. Almeida (2009) destaca que além de influência a participação de mulheres nos esportes, o clube também funcionou como oportunidade para as mulheres adentrarem outros espaços.

Guedes e Silva (2015) afirmam que alguns jornais criaram, dentro dos dois anos posteriores a 1916, colunas específicas para o jornalismo esportivo, como Correio de Aracaju com o “Desportos” e O Imparcial com o “Diversões e Desportos”.

**DIVERSÕES
& DESPORTOS**

NO EDEN
 É hoje a última noite de votação do interessante concurso dos clubs de foot-ball, a fim de decidir-se qual é o mais querido de Aracaju.

De facto, attendendo ao entusiasmo que o dito concurso obteve, é de prever que o Eden seja pequeno para comportar os partidarios dos sympathisados clubs.

Será também focalizado o drama em 5 actos *A Cavalgada da Morte*, genero policial. A votação até este momento, é a seguinte:

COTINGUIBA	1612
SERGIPE	1500
41º DE CAÇADORES	1356
ATHENEU	1009
INDUSTRIAL	807
GUARANY	566

Figura 6 – Jornal O Imparcial do dia 30 de abril de 1919 com destaque para a coluna “Diversões e Desportos”. (FOTO: Acervo pessoal)

Segundo Melo (2013), os esportes conquistaram espaço nos jornais aos poucos, principalmente a partir dos anos 30 do século XX. Primeiro, na coluna de variedades e depois criaram uma seção de desportos, que incluía quase todos os esportes praticados na capital. “[...] não apenas o futebol, mas também o remo, voleibol, o basquetebol, o xadrez, o futebol de salão e o tênis [...] (MELO, 2013, p.43)

Com a intenção de divulgar o esporte, realizar competições, premiar jogadores, torcedores e equipe técnica e, principalmente, cobrar a construção do Estádio de Aracaju, a Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe (ACES) foi fundada em 1949.

Segundo Ribeiro e Pires (2005), a ACES idealizou a Gazeta Esportiva para ampliar as notícias esportivas, por entenderem que os jornais deveriam ofertar um espaço maior ao esse núcleo, principalmente, o futebol. A Gazeta era um

apêndice dos jornais e tinha o nome nas chamadas das notícias relacionadas ao esporte.

Os autores ainda destacam que a mídia teve papel importante na expansão do esporte em Sergipe e que este fato teve maior visibilidade após o início das organizações do esporte e da formação de clubes de futebol.

3 GÊNERO NO JORNALISMO

De acordo com Scott (1990, p. 22 apud VEIGA, 2012, p.494), o gênero constitui relações sociais que são criadas a partir das diferenças entre homens e mulheres. Além disso, é um dos fatores que dá significado às relações de poder. Veiga (2012) defende que as diferenças de gênero, às vezes, se transformam em relações de desigualdade nos campos da vida social.

Já Luz (2015) afirma que o gênero está relacionado a construção social de sexo e que “a história das mulheres e a história do gênero estão interligadas, e o papel de cada uma só se justifica em virtude do papel do outro.” (LUZ, 2015. p. 36).

Ainda segundo o autor, as mulheres buscam reconhecimento social e político, antes negados, através das relações de gêneros e dos conceitos. Um exemplo disso é o feminismo, que Klebis (2017) define como “uma série de movimentos e ideologias que buscam igualdade política, cultural, econômica, sexual e social para as mulheres.” (KLEBIS, 2017, p. 1).

Segundo a autora, o movimento ganhou força no final do século XIX com a organização de manifestações nas ruas por mulheres para reivindicação do direito de voto na Inglaterra. O direito foi adquirido no Reino Unido em 1918. No Brasil não foi diferente e a primeira luta das mulheres também foi pelo direito ao voto, que foi conquistado em através de uma lei no Novo Código Eleitoral Brasileiro em 1932.

De acordo com Klebis (2017), a segunda fase do movimento feminista ocorreu de 1960 a 1980, com a luta pela liberdade autônoma e direito sobre os seus

corpos e as suas vidas e crítica à submissão da mulher, à heterossexualidade como obrigação e ao papel social da mulher limitado a ser esposa e mãe. No Brasil, os acontecimentos políticos, como o golpe militar, pausaram o movimento feminista que só voltou à ativa em 1975. A autora evidencia o crescimento do feminismo, que passou a ser uma luta de todas as classes sociais, e a maior abrangência de temas, deixando de ser uma luta voltada a política e passando a discutir outros assuntos, como sexualidade e racismo.

A terceira fase do feminismo aconteceu 1990 a 2000 e segundo Keblis (2017) é uma continuação das fases anteriores e uma correção das falhas das mesmas. A autora conta que o movimento no Brasil causou a aprovação de medidas protetoras para as mulheres aumentarem as participações na política e na sociedade.

A busca pela igualdade entre homens e mulheres também ocorre no jornalismo. Como ressalta Cerqueira (2008), o papel da mídia influenciando a construção de identidades, inclusive a de gêneros foi percebida pelas feministas e as organizações internacionais passaram a promover a igualdade de gênero também no campo dos meios de comunicação.

O interesse da mulher pelo jornalismo começou com o interesse pelos livros, antes mesmo do início do feminismo. Como afirma Mira (2003), desde o final do século XVIII, as mulheres começaram a ler para ocupar, ao lado de trabalhos manuais, o tempo livre que a comodidade da vida na cidade trouxe. Na época, as mulheres eram proibidas de realizar trabalhos e lazeres destinados ao mundo masculino, como cuidar dos negócios ou trabalhar fora de casa. A autora ainda ressalta que um dos temas mais lidos pelas mulheres da época era o romance, que trazia enredos voltados para o amor, o namoro e o casamento, única opção para a

vida das mulheres daquele tempo. Esse gênero literário atraiu o interesse das leitoras e que o transformou em sucesso.

O romance acompanhou as mudanças da realidade feminina. Segundo Watt (1990 apud MIRA, 2003, p. 22), no período em que as mulheres obtiveram maior liberdade na escolha dos maridos, e ao mesmo tempo, o casamento passou a ser cercado de convenções sociais e interesses econômicos, os romances transformam esse conflito em tema, trazendo a paixão nos textos. Além disso, passam a expressar os pensamentos, as dúvidas, as emoções, ou seja, o interior da personagem.

De acordo com Mira (2003), o surgimento da imprensa de massa no início do século XIX revela outro sucesso ligado ao público feminino, o folhetim. A autora ainda afirma que o impresso era a união do romance com o melodrama e continha temas como o mistério do nascimento, identidades falsas, perseguição da inocência. Com histórias muitas vezes baseadas em fatos reais, o realismo da narração aprofunda a identificação do leitor com o personagem, que geralmente era um indivíduo comum.

A autora ainda ressalta que a expectativa da felicidade romântica é parte da construção da identidade feminina. Ou seja, os romances, lidos no dia a dia, definem um estilo de vida que cria o senso de identidade formado pelas pessoas sobre si mesmas.

Mira (2003) destaca que as mulheres são mais atraídas pela narração e pela audição. Por esse motivo, revistas femininas compostas de muitos textos vendem milhões de exemplares, como revistas de comportamento, entrevista, debate, fofoca.

A mudança na forma de produzir revista reflete a mudança da sociedade durante o século. A autora ainda acentua que até o século XVIII, as revistas de moda tinham a presença de modelos masculinos e femininos. Porém com o surgimento das revistas femininas modernas, os homens desapareceram das páginas que passaram a ser ocupadas apenas por mulheres.

Mira (2003) afirma que as mulheres adquiram técnicas de sedução através da moda, utilizando vestimentas, gestos e posturas. Com isso, transformaram a moda e a beleza em uma forma de expressar a individualidade e a adaptação às mudanças da sociedade. “A mulher jovem de classe média dos anos 80 já não se identifica tanto com a heroína da fotonovela, passiva porque predestinada a ser feliz. Ela é mais atrevida, título de uma das revistas criadas na época para este segmento.” (MIRA, 2003, p.35)

A autora ainda evidencia a preocupação com o corpo e a beleza como um dos elementos centrais na construção da identidade feminina. As mulheres passam a se interessar pela aparência corporal e a beleza passou a ser definida por padrões, exibidos no cinema, nas revistas e na publicidade.

A atenção ao corpo levou mulheres a praticarem esportes definidos como masculinos, a exemplo do futebol. Atualmente, é comum encontrar mulheres ocupando cargo ligados a esses esportes como jogadoras, árbitras e jornalistas do gênero esportivo. Mira (2003) ressalta o exemplo da revista *Fluir Girls*, uma edição especial da revista *Fluir* que era dedicada ao surf. A revista era voltada ao público feminino e continha assuntos como moda, beleza e estilo de vida.

As mulheres do final do século XVIII e dos séculos XIX e XX viram na ascensão da popularidade dos jornais, a brecha para conhecer e discutir os seus direitos e obrigações. Nesta mesma época, surgiu o feminismo que reforçou a ideia

da procura pelo espaço das mulheres e a vontade das mudanças nos costumes. Porém mesmo com tantas conquistas, como foi mostrado acima, as mulheres esbarraram nos preconceitos, na opressão e nas dificuldades.

3.1 A presença feminina no jornalismo brasileiro

A entrada das mulheres no jornalismo brasileiro foi marcada por preconceitos e faltas de direitos. No início do século XIX poucas mulheres sabiam ler e escrever, por ser um direito apenas masculino. Com isso, as oportunidades de colaborações em jornais eram raras. Pereira (2017) destaca que as poucas mulheres que sabiam escrever, tinha o estímulo de escrever pelos direitos das que não sabiam. “Essas personalidades femininas oitocentistas tinham o desafio de alçar suas vozes através da escrita depois de tantos séculos de silêncio e invisibilidade.” (PEREIRA, 2017, p. 35)

A autora ainda lembra que as mulheres começaram a disseminar seus pensamentos, sentimentos e ideias através da imprensa e das publicações de livros. Pereira (2017) ressalta que por pensar diferente e ter o desejo de ir além dos costumes da época, como cuidar da casa, essas mulheres foram discriminadas e taxadas de feministas. “Quando a mulher manifestava alguma intenção de sair do seu papel de família burguesa, era vítima de críticas nos inúmeros jornais e revistas publicadas ao longo dos séculos XIX e início do XX” (PEREIRA, 2017, p. 36).

Dionísia Pinto Lisboa, com pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, foi uma dessas mulheres que foram julgadas pela sociedade e foi a primeira mulher brasileira a colaborar em um jornal. “(...) uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos na chamada “grande” imprensa.” (PEREIRA, 2017, p. 36)

Nísia nasceu na cidade de Papari (atualmente nomeada de Nísia Floresta), no Rio Grande do Norte, em 1810. De acordo com Pereira (2017), ela mudou-se para Pernambuco junto com sua família em 1824. Sete anos depois, Nísia colaborou com artigos sobre a condição das mulheres em diversas culturas, de forma anônima, nas 30 edições do jornal “Espelho das Brasileiras”, dedicado às senhoras pernambucanas. O impresso pertencia ao tipógrafo francês Adolphe Emile de Bois Garin. Não existe mais registros da participação dela em outros jornais. Nísia passou a ser dedicada a escrita de livros e ao colégio para meninas.



Figura 7 – Edição nº 28 do Jornal Espelho das Brasileiras do dia 6 de maio de 1831 (FOTO: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=818879&pesq=>)

Outras mulheres também foram pioneiras no jornalismo brasileiro. Maria Josefa Barreto Pereira Pinto é considerada a primeira mulher brasileira a criar e dirigir um jornal. Segundo Muzart (2003), ela fundou o jornal “*Belona Irada contra os Sectários de Momo*”, mais conhecido como *Belona*, em 1833. O periódico era político

e polêmico. “E um jornal que provavelmente não trazia nem bordados, nem culinária, nem boas maneiras. Por isso, estava muito à frente de seu tempo!” (MUZART 2003, p. 230).

A autora defende que este é o primeiro jornal fundado por uma mulher no Brasil. Apesar do “*Jornal das Senhoras*”, fundado em 1852 por Juana Paula Manso de Noronha no Rio de Janeiro, ser considerado o primeiro por muitos autores. Muzart (2003) explica que o jornal Belona não fez escola e por isso o *Jornal das Senhoras* tornou-se o modelo inicial para os periódicos feministas do século XIX.

Maria Josefa nasceu em 1775 na cidade de Viamão, no Rio Grande do Sul. Foi poetisa, escritora, professora e fundou, de forma inovadora, a escola primária mista em sua própria casa. Ela ainda criou outro jornal ao lado de Manuel dos Passos Figueroa em 1833, chamado de “A Idade d’Ouro”. De acordo com a autora, o jornal se definia como político, agrícola e miscelâneo. O periódico teve cerca de 32 edições publicadas.

Há alguns anos, por ainda não terem encontrado registros do jornalismo de Maria Josefa, acreditava-se que a baiana Violante Ataliba Ximenes Bivar e Velasco era a primeira mulher jornalista nascida no Brasil. De acordo com Schumacher e Brazil (2000), Violante começou como colaboradora no *Jornal das Senhoras*, da argentina Juana Paula Manso de Noronha, em 1852. Cerca de 19 anos após a criação do *Jornal Belona* por Maria Josefa.

Após seis meses como colaboradora do *Jornal das Senhoras*, Violante passou a dirigir este mesmo periódico. Ribeiro (2004) afirma que o jornal era feito apenas por mulheres e para mulheres, com o objetivo de “dignificá-las”. “Nele foram impressos romances, comédias, poesias, contos de leitoras, artigos de modas e

críticas a educação permitida às mulheres da época. ” (Ribeiro, 2004, p.175). Os romances contidos nele eram traduzidos do inglês por Violante.



Figura 8 – Edição nº 1 do Jornal das Senhoras do dia 1 de janeiro de 1852 (FOTO: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=>)

Em 1873, Violante Velasco fundou o jornal O Domingo. Segundo Schumacher e Brazil (2000), este periódico seguia a mesma linha do Jornal das Senhoras e a sua última edição foi em 9 de maio de 1874. A jornalista morreu em 1875.

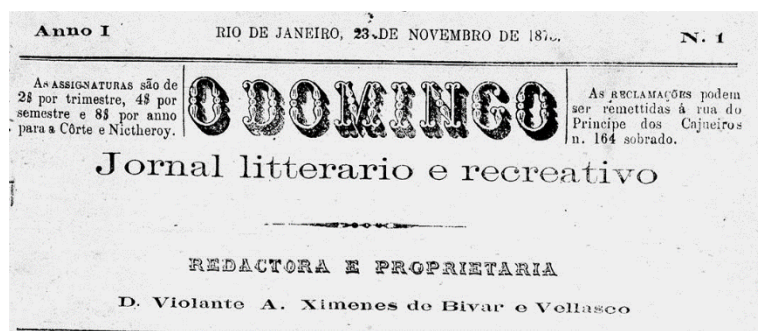


Figura 9 – Edição nº 1 do Jornal O Domingo do dia 23 de novembro de 1873 (FOTO: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=719030&pesq=>)

As características de fazer o jornalismo mudaram com a Primeira Guerra Mundial. Almeida (2008) destaca que os leitores passaram a ter pressa para saber

dos acontecimentos, com isso os colaboradores saíram das redações e passaram a ir para às ruas, aos lugares onde os fatos aconteciam. Neste momento, surgiu a figura do repórter.

Quando se trata da presença feminina na reportagem, Eugênia Brandão foi a primeira jornalista nesta função. Como foi mostrado acima, outras mulheres haviam trabalhado nos impressos como folhetinistas, cronistas, poetisas e ensaístas, mas nenhuma delas como repórter.

Eugênia Brandão iniciou a carreira em 1914 no jornal Última Hora, com apenas 16 anos e já como repórter. Almeida (2008) lembra que ser repórter, na época, era impróprio para as mulheres, por causa do perigo que a profissão apresentava, com muitas investigações e uso de disfarces. Por este motivo, Eugênia provocava diversas opiniões e reações diferentes.

Um texto publicado em 1914 no Jornal Última Hora, no Rio de Janeiro, fala sobre a entrada de Eugênia Brandão como repórter no periódico:

Um dia os rapazes dos jornaes viram na roda a graça da roda de uma saia de mulher. Quem era ella? Era uma mulher estonteante e moça, moça na mais bela florescência da juventude, alegre, viva, viçosa e clara em todo o esplendor de uns 18 annos felizes. Tinha um par de olhos que eram dois carvões accesos; umas olheiras tão ardentes como se fossem uma irradiação dos olhos. Que vinha fazer? Trabalhar na imprensa. (ÚLTIMA HORA apud ALMEIDA, 2008, p.8).

Ainda em 1914, a jornalista estreou no jornal A Rua com uma série de reportagens sobre Asylo Bom Pastor. Almeida (2008) conta que Eugênia internou-se no aliso, disfarçada, para conseguir informações sobre “O caso da Rua Januzzi nº13” (um caso de grande repercussão na época, no qual se tratava do assassinato da esposa do Tenente Paulo pelo próprio marido, que estava apaixonado pela irmã da mulher: Albertina do Nascimento Silva). A autora ainda menciona que esta irmã,

Albertina, foi internada no asilo para fugir do assédio da mídia, porém o Tenente a retirou do internamento e os dois se casaram.

Almeida (2008) lembra que ao chegar no asilo, Eugênia não encontrou a Albertina, mas conheceu histórias incríveis e as transformou em uma série de reportagens que marcou sua estreia no jornal A Rua e o auge da sua carreira.

Sobre o caso Januzzi a repórter não consegue nada, porém sua sensibilidade a faz notar que a própria experiência no convento de clausura, em contato com histórias de vida das asiladas, poderia render grandes reportagens. É isso que Eugênia faz, logo que sai do convento publica uma série de reportagens que geram tanta polêmica quanto a tragédia da Rua Januzzi. (ALMEIDA, 2008, p.10)



Figura 10 – Edição do Jornal A Rua do dia 11 de abril de 1914. (FOTO: https://issuu.com/marcobonito/docs/eugenia_brandao_a_primeira_reporter_do_brasil)

A jornalista Eugênia nasceu no dia 6 de março de 1898 em Juiz de Fora, Minas Gerais. Mudou-se para o Rio de Janeiro ainda na infância com a mãe, após a morte do seu pai. Casou-se com o poeta Álvaro Moreyra em 1915, com quem teve oito filhos. Faleceu em 6 de junho de 1948.

Quando se trata de jornalismo esportivo, Maria Helena Rangel é considerada a primeira jornalista do gênero esportivo no Brasil. Segundo Ramos

(2010), ela começou em 1947, aos 21 anos, quando foi convidada para escrever na Gazeta Esportiva. Na época em que foi convidada para o jornal, cursava faculdade na Cásper Líbero. Além disso trabalhou no Departamento de Esportes da Prefeitura de São Paulo e dava aulas de Educação Física.

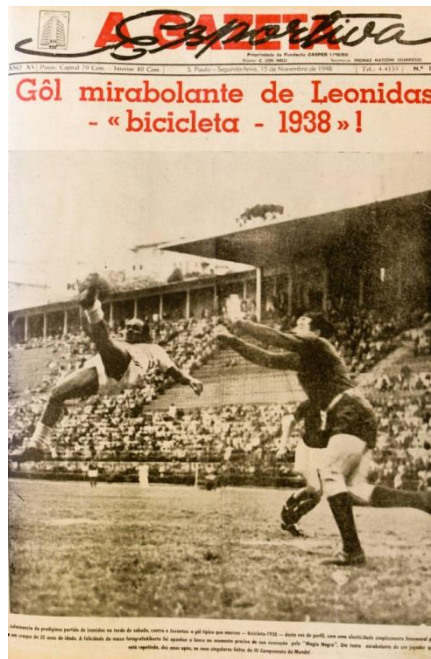


Figura 11 – Capa do Jornal Gazeta Esportiva do dia 15 de novembro de 1948. (FOTO: https://www.gazetaesportiva.com/wp-content/uploads/imagem/2016/10/10/Leonidas_Primeira_Bicicleta_do_Futebol-669x1024.jpg)

A jornalista era atleta de Arremesso de Disco, participou das equipes do Esporte Clube Tietê e do Esporte Clube Pinheiros, sendo campeã por oito anos. Recebeu o Troféu Brasil pelo primeiro lugar no lançamento de disco, em 1945. Foi campeã paulista por sete anos seguidos (de 1945 a 1950). Em 1949, foi campeã sul-americana pela equipe brasileira em Lima, no Peru.

A sua carreira durou apenas cinco anos. De acordo com Prizibiszki (2007), seu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948 a 30 de setembro de 1953. Neste tempo, a jornalista cobriu campeonatos e viajou por muitos países. A

autora ainda conta que o motivo para o fim da carreira foi uma proposta melhor de emprego como professora de Educação Física na cidade de Catanduva.

No interior, Maria Helena casou-se com Mário Francisco Faber, teve três filhos e sete netos. A jornalista faleceu em 2000, na cidade de Taquaritinga, vítima de um AVC. Em 2006, foi inaugurada, em Taquaritinga, a Escola Municipal de Educação Infantil Maria Helena N. Rangel Faber em homenagem a jornalista.

Outra pioneira do jornalismo esportivo no Brasil é Regiani Ritter. Nascida em Ibitinga, São Paulo. Segundo Rezende (2014), Regiani começou a carreira como atriz até ser contratada pela Rádio Gazeta em 1980 para apresentar um programa musical. Três anos depois foi convidada para substituir repórteres em folga e fazer cobertura dos times paulistanos.



Figura 12 – Regiani Ritter, dentro do vestiário, entrevistando os ex-jogadores palmeirenses Antônio Carlos e Velloso. (FOTO: <http://3.bp.blogspot.com/-yvZntkj1HY/Uxt5JR7G-AI/AAAAAAAAABCY/o3jVa94C5v4/s1600/regiani3.jpg>)

O autor ainda afirma que Ritter, na época em que trabalhou na TV Gazeta como produtora e comentarista do programa Mesa Redonda, sofria preconceito dos colegas de profissão. Nesse mesmo período, Regiani também participava das transmissões dos jogos.

A jornalista teve uma passagem rápida pela TV Record. No início da década de 1990 voltou para a TV Gazeta e depois foi para a Rádio Gazeta. Em 1991 foi escolhida a melhor jornalista do ano pelo jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Foi a primeira mulher como narradora e âncora a cobrir uma Copa do Mundo, em 1994 nos Estados Unidos.

Regianni Ritter é uma das mais completas profissionais da comunicação e foi pioneira no jornalismo esportivo, quebrando preconceitos e paradigmas. Muitas mulheres atuam hoje no esporte, mas tudo começou com ela. (REZENDE, 2014, p.1).

Em 2010, teve seu nome escolhido para denominar uma categoria no Prêmio da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. A Categoria Regiani Ritter premia anualmente mulheres que se destacam no jornalismo esportivo. Desde 2005, comanda o programa Disparada do Esporte, na Rádio Gazeta.

Mais uma mulher que merece destaque é Mary Zilda Grassia Sereno, que foi uma das primeiras jornalistas fotógrafas de São Paulo. Segundo Felz (2008), a fotografia surgiu 1839 e apesar dos jornais já existirem em grande número na Europa e nas Américas, as fotografias só foram utilizadas pela imprensa cerca de 30 anos depois e com o avanço tecnológico. “Se até então, o cidadão comum apenas podia visualizar fenômenos que ocorriam perto dele, com a utilização de imagens fotográficas pela imprensa, o mundo tornou-se próximo, pequeno aos olhos da massa.” (FELZ, 2008, p. 1)

O autor ainda ressalta que a fotografia documental deu origem ao fotojornalismo que possibilita a transformação social através do fotógrafo. Quanto mais os jornais avançavam na utilização das fotografias, mais fotojornalistas se destacavam. Com os crescimentos, os fotojornalistas passam a retratar melhor o

cotidiano, admitindo novas representações das realidades. O autor enfatiza que assim o fotojornalismo cria formas de cobrir com eficiência grandes acontecimentos.

A jornalista nasceu no Rio de Janeiro em 1911, onde trabalhou como técnica de radiografias num hospital. De acordo com Ramos (2010), Mary, que era apaixonada por futebol, tentou começar a carreira no fotojornalismo ao flagrar uma feira italiana eufórica com a vitória do seu país no Copa do Mundo de Futebol em 1934 e entregar ao jornal O Globo do Rio de Janeiro. A foto foi publicada, mas Mary Sereno não foi contratada como funcionária pelo fato de ser mulher.

Ao mudar-se para São Paulo, trabalhou no jornal Hoje, O Dia, O Tempo, A Gazeta Esportiva, A Hora e na Época. Segundo Ramos (2010), a jornalista precisou passar por uma “prova de fogo” para conseguir o primeiro emprego no jornal Hoje, quando teve que ir ao necrotério fotografar um cadáver em decomposição.

As redações de jornais e revistas de São Paulo estão cheias de mulheres jornalistas, mas no Pacaembu em dias de jogos ou nos incêndios dos edifícios da cidade há somente uma mulher sindicalizada fotografando profissionalmente numa rotina que se repete há 33 anos: Mary Sereno. (OLNEY KRUSE apud RAMOS, 2010, p.262).

Ramos (2010) ressalta que Mary era fotógrafa de “geral”, mas gostava de cobrir futebol e era o que cobria com mais frequência. Mary entrava facilmente nos vestiários para fotografar os jogadores, ato considerado de valentia. A autora ainda conta que os colegas sempre avisavam para quem estava se trocando que a jornalista estava entrando no vestiário e ela tratava isso com naturalidade.

Olney Kruse (1981 apud RAMOS, 2010, p. 263), em uma entrevista com Mary Sereno para o Jornal da Tarde em 1981, conta sobre um grave acidente sofrido pela jornalista em 1976. Mary trabalhava na Assessoria de Imprensa do

prefeito Reynaldo de Barros e voltava de um trabalho de documentação de desapropriação do Metrô, quando foi atropelada por um carro, no qual o motorista fugiu. Teve pernas, braços, costelas quebradas e possuiu ferros e enxertos por todo o corpo. Mary Sereno morreu em 1998 em São Paulo.

No começo apenas homens eram narradores e repórteres de esporte, mas as mulheres conquistaram espaço e hoje temos nomes fazendo sucesso como Fernanda Gentil, Cristiane Dias, Mylena Ciribelli, Renata Fan, Bárbara Coelho e outras. A participação das mulheres no esporte influenciou a paixão e o interesse das mesmas pelo jornalismo esportivo.

Segundo Peres (2004 apud SANTOS, 2012, p. 13), as mulheres praticavam esportes e, com isso, adquiriram conhecimento para comentar e divulgar informações esportivas. No início, as mulheres que trabalhavam em programas esportivos tinham funções que não faziam parte do jornalismo, como fazer propagandas ou ler scripts.

Coelho (2013) afirma que nas redações esportivas de todo o Brasil, existem em torno de 10% de mulheres. Mas até chegar a esse ponto, as primeiras mulheres sofrem muitos preconceitos. Atualmente, mulheres são repórteres, apresentadoras, produtores e até ocupam cargos de chefia dentro das redações.

3.2 A presença feminina em Sergipe

De acordo com Nunes (1984 apud FREITAS e DANTAS, 2008, p. 145), a imprensa sergipana tem início no século XIX com a criação do jornal "Recopilador

Sergipano” em 1832, na cidade de Estância, pelo Monsenhor Silveira. O autor destaca que até aquele momento, os acontecimentos em Sergipe eram divulgados através de jornais baianos, que era importados para estado. “A Idade D’Ouro (1811-1823), o Grito da Razão e o Independente Constitucional (após a Independência), pelas notícias inseridas sobre Sergipe, se tornaram indispensáveis para o conhecimento de sua História nessa época.” (NUNES apud FREITAS e DANTAS, 2008, p. 145).



Figura 13 – Edição 114 do Jornal Recopilador Sergipano datado em 1 de junho de 1833. (FOTO: Acervo pessoal)

A primeira revista escrita por mulheres em Sergipe, “O Bouquet”, só foi publicada em outubro de 1876, cerca de 44 anos após o início da imprensa no estado. De acordo com Guaraná (1913 apud SILVA e LINHARES, 2009, p. 3), esta revista também foi a primeira a ser publicada no estado. Foi um periódico literário e recreativo, que marcou o início do período em que as revistas passaram a ser tão importantes quanto os jornais.

Silva e Linhares (2009), durante uma pesquisa, analisaram dezessete jornais sergipanos publicado entre 1839 e 1900 e destacam que não encontraram a presença de mulheres na imprensa sergipana em nenhum desses jornais, nem como colaboradoras com textos e nem na organização dos periódicos.

Mesmo com essa constatação de Silva e Linhares (2009), o autor Guaraná (1925) destaca três mulheres que colaboraram com o jornalismo sergipanos: Etelvina Amalia de Siqueira, Itala Silva de Oliveira e Maria da Conceição Perdigão Ferráz.

Segundo o autor, a itabaianense Etelvina possuía o diploma de normalista pela Escola Normal de Aracaju e entre os anos de 1884 e 1912 trabalhou em escolas da Grande Aracaju. Durante esse mesmo tempo foi colaboradora da imprensa sergipana e colaborou de 1883 a 1885 em “A Discussão” de Pelota, um jornal fundado na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, escrevendo sobre o abolicionismo. Com destaque para o texto “A escravidão e a mulher”, publicado no Gazeta do Aracajú em 15 de dezembro de 1883 e transcrito no jornal “A Discussão” em julho de 1884. Além disso, escreveu versos e artigos literários em vários impressos de Aracaju, inclusive O Libertador, “Nova Era” e em Almanques Sergipanos de 1887 a 1903.

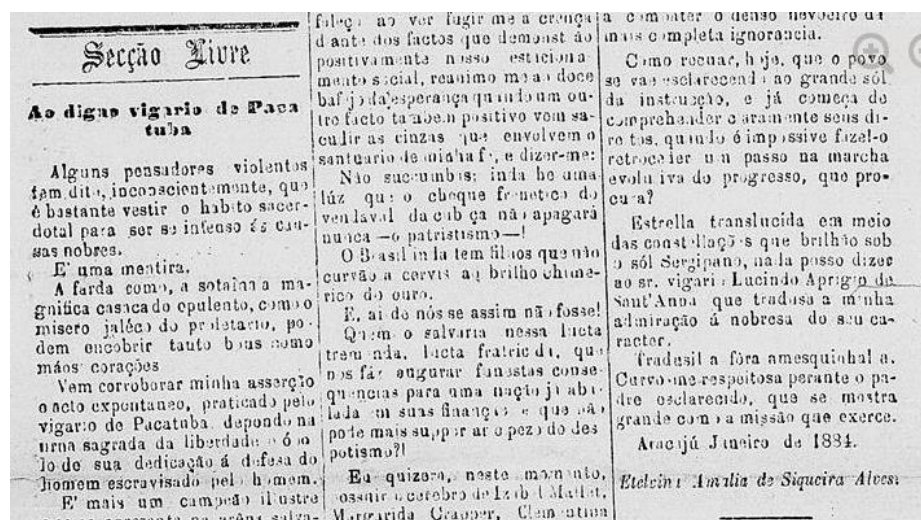


Figura 14 – Edição 53 do Jornal O Libertador datado em 24 de janeiro de 1884. (FOTO: Acervo pessoal)

De acordo com Guaraná (1925), Maria da Conceição, popularmente conhecida como Concita Ferráz, nasceu em 1895 em Aracaju, porém passou grande

parte da sua vida morando no Amazonas e no Maranhão, onde redigiu o pequeno jornal literário “Folha de Rosa” juntamente com Eulina Murta. Retornou para Aracaju em 1914, onde colaborou no “Diário da Manhã” com versos líricos durante os últimos meses de vida.

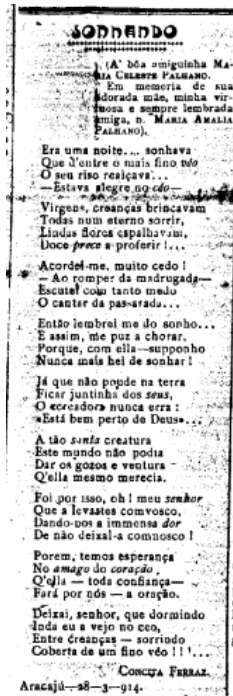


Figura 15 – Edição nº893 do Jornal Diário da Manhã datado em 29 de março de 1914. (FOTO: Acervo pessoal)

O autor lembra que Itala foi professora entre os anos de 1916 a 1921 e se dedicou a estudar medicina em 1921, tornando-se obstetra. Além disso, colaborou no jornal “Diário da Manhã” de 1914 a 1916. Escreveu o texto “A mulher e o voto” para “O Paiz”, periódico publicado no Rio de Janeiro que na época era a capital do Brasil, em 16 de maio de 1917. Este texto foi transcrito no “O Democrata”, em Aracaju, no dia 3 de junho de 1917.



Figura 16 – Edição nº 11.909 do Jornal O Paiz datado em 16 de maio de 1917. (FOTO:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&PagFis=35003&Pesq=

4 A MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Na década de 1970 a tecnologia se desenvolvia e com isso, a televisão foi aproximando-se cada vez mais do rádio, no quesito intensidade e rapidez da informação, segundo Righi (2006).

Com isso, as emissoras de televisão adquiriram recursos para ampliar suas grades de programação, e então veio a adição de campeonatos de futebol europeu, como o italiano, espanhol e o inglês, com isso angaria mais seguidores e investimentos para sua marca, como cita Caparelli (2004).

De 1978 a 1997 ocorreu em todas as redes um crescimento quantitativo da oferta de programas esportivos, tanto de informações esportivas como de transmissões de eventos. Essa oferta passou a 12,83% da programação, quando, 20 anos antes, era de apenas 5%. (CAPARELLI, 2004, p.106)

Na década de 1980 quem dominava o cenário esportivo era a Rede Bandeirantes. Logo depois, a TV Record, com Milton Neves, começa a dominar a audiência esportiva, com o programa Terceiro Tempo, que hoje está na grade de

programação da Rede Bandeirantes e, inclusive, é apresentado por uma mulher, a jornalista Larissa Erthal.

Já a Rede Globo passou a dominar o cenário da editoria esportiva na televisão em meados da década de 1980, quando há o crescimento do Globo Esporte, apresentado de segunda a sábado, na sua grade de programação, e aos domingos, o Esporte Espetacular. Todos os dois programas têm mulheres apresentando a atração esportiva. No Globo Esporte, Cristiane Dias apresenta a atração em nível nacional, já no Esporte Espetacular, Fernanda Gentil apresenta o programa ao lado de Felipe Andreoli.

Mas até que se chegasse ao cenário atual, o que antes era assunto apenas de homem, passou a ser assunto feminino também. De acordo com Ramos (2010), as mulheres chegaram para soltar o verbo, afinal entendem de basquete, rali, Fórmula 1 e futebol. A autora ainda destaca que as mulheres apresentam desenvoltura e mais emoção, o que causa uma cara nova aos telejornais e programas esportivos.

Mas há uma vertente que acredite que a inclusão das mulheres no jornalismo esportivo é mais uma questão de atração pela beleza. Isso acontece, pois na televisão o uso da imagem é algo fundamental e é um atrativo para os telespectadores, segundo Alexandrino (2011), “as profissionais do jornalismo esportivo presentes na televisão possuem a uma boa estética como atributo para exercer o trabalho” (ALEXANDRINO, 2011, p.39). A beleza feminina dentro do jornalismo esportivo é bastante discutida. Segundo Righi (2006) durante a cobertura televisiva da Copa do Mundo de 2006, Fátima Bernardes ganhava elogios pela forma como conduzia todas as entrevistas e reportagens, enquanto a jornalista

mexicana Martina Franz, era destaque negativamente por suas perguntas sem conexão ou que pouco a ver tinha com o esporte.



Figura 17 - Martina Franz, jornalista mexicana (FOTO: globoesporte.com)

O telejornalismo esportivo exige procedimentos diferentes dos encontrados nos outros meios. Afinal, apenas narrar o que a pessoa já está vendo com a imagem, não é agradável para os telespectadores. Para ir além os programas esportivos são compostos de vida pessoal dos atletas, preparação dos times para os jogos, história do futebol, curiosidades, e muitos outros temas.

Como destacam Barbeiro e Rangel (2013), o âncora é responsável por levar um evento esportivo ao telespectador, com isso, ele é o responsável por movimentar e dar ritmo à transmissão. Dantas (2016) afirma que o âncora não é apenas quem narra e, sim, um participante de todas as etapas da transmissão.

Segundo Righi (2006), algumas jornalistas começaram a se destacar no meio televisivo. Em meio aos anos de 1990, Mylena Ciribelli participou da cobertura

dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, onde a mesma apresentava plantões esportivos sobre as competições, pela TV Manchete. Três anos mais tarde, Mylena começou a trabalhar nos programas esportivos da Rede Globo, o Globo Esporte e no Esporte Espetacular.



Figura 18 - Mylena Ciribelli durante uma transmissão dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), pela TV Manchete. (FOTO: Blog Por Dentro das Notícias)

Outra função importante no telejornalismo esportivo é o repórter. Babeiro e Rangel (2013) define o repórter como a pessoa que apura, divulga notícias e conta uma boa e verdadeira história. Os autores afirmam que a reportagem é a alma do jornalismo e que: “É bom lembrar sempre que, em qualquer área do jornalismo, o repórter é o elemento mais importante na cadeia de produção. ” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 20).

Alguns eventos esportivos de grande porte dão maior visibilidade aos jornalistas, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, onde sempre há muitos profissionais envolvidos durante a cobertura deste tipo de evento. E outras mulheres também ganharam espaço graças a esses eventos. Uma delas é a jornalista Anna Zimmermann, que foi a primeira repórter, do gênero feminino, de campo da Rede Globo, ao atuar na cobertura da Copa do Mundo da França, em 1998.

Isabela Scalabrini também está entre as primeiras mulheres no telejornalismo esportivo brasileiro, segundo Baggio (2012). A jornalista é repórter da Globo desde 1979 e fez parte da primeira equipe do Globo Esporte, onde cobria diversas modalidades esportivas. Três anos depois, Scalabrini atuou na cobertura dos Jogos Pan-Americanos realizados na Venezuela. A partir daí vieram mais coberturas como a das Olimpíadas de 1998, Na Coréia do Sul, assim como Mylena Ciribelli. Em 1992, Isabela saiu da divisão de Esporte e passou a trabalhar para a editoria Rio, também pertencente a Globo.



Figura 19 - Isabela Scalabrini durante a apresentação do Globo Esporte. (Foto: Tv História)

De acordo com Memória Globo (2007), “Em 1979, eram mais de mil candidatos a entrar para a Globo. Entre eles foram escolhidas apenas dez mulheres, e Isabela estava entre elas. A seleção foi feita pelos próprios editores do Jornal Nacional. No estágio, aprendeu a apurar, filmar e editar.” (MEMÓRIA GLOBO, 2007, p. 1).

Nos velhos tempos, o veterano Oldemário Touguinhó, repórter do *Jornal do Brasil* que faleceu em 2003, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha que ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos. (COELHO, 2011, p. 35).

Em entrevista ao Jornal Nacional, Scalabrini contou que era a única mulher na editoria esportiva da Rede Globo na década de 1980, e a que a inserção da mulher no campo jornalístico do esporte era enxergado como duvidoso.

Para Soares e Michel (2009 apud BAGGIO, 2012, p. 27), nas últimas décadas, a relação da mulher com o esporte foi além das quadras e campos, buscando demarcar um novo território. Algumas das jornalistas esportista já foram praticantes de esportes ou parte do grupo de amantes de alguma modalidade esportiva.

A jornalista Glenda Kozlowski faz parte do grupo mulheres que eram atletas e se tornaram jornalistas. Segundo Memória Globo (2007), a jornalista começou a surfar aos 10 anos. No ano seguinte, venceu o primeiro Circuito Brasileiro de BodyBoard e ganhou uma viagem para o Havaí. Aos 15 anos, ganhou o primeiro título mundial, no campeonato amador de bodyboard, no Havaí. Após virar atleta profissional, foi campeã mundial por quatro vezes, além de acumular cinco títulos brasileiros, dois norte-americanos e três australianos.

Ingressou no jornalismo após um convite do jornalista Gilberto Conde para apresentar o programa 360º, no canal Top Sport atualmente o SporTV. Começou a trabalhar na Globo em 1996, no programa Esporte Espetacular. De acordo com Memória Globo (2007), a primeira cobertura internacional foi na Olimpíada de Sidney. Além disso, participou de outras Olimpíadas, Jogos Pan-americanos e Copas do Mundo. Comandou o Esporte Espetacular até 2016 ao lado de nomes como Tande, Tino Marcos, Ivan Moré e Alex Escobar. Durante este período, em novembro de 2013, estreou o quadro Bolsa Redonda, dentro do Esporte Espetacular, ao lado da atriz Christiane Fernandes, a escritora Thalita Rebouças e a jornalista Fernanda Gentil, que conduzia o quadro.

Memória Globo (2007) destaca que Glenda foi escalada para participar da equipe de locutores esportivos nas Olimpíadas do Rio em 2016, sendo a primeira jornalista mulher da Globo a ocupar essa função.

Ainda não é visto com frequência, por exemplo, mulheres narrando jogos de futebol, como aponta Bravo (2009). Para reforçar essa tese, Righi (2006) aponta.

O aumento da presença feminina no jornalismo esportivo na televisão nas últimas duas décadas não significou grandes mudanças na rotina das 29 redações, o papel das mulheres ainda está restrito em alguns programas televisivos ao domínio masculino. Elas podem apresentar programas, fazer algumas matérias sobre determinados esportes, mas dificilmente encontram espaços para comentar, opinar e falar o que acham certo no esporte brasileiro ou narrar eventos esportivos (RIGHI, 2006, p. 32).

Indo de encontro ao que diz Righi (2006), surge a figura da jornalista Renata Fan. De acordo com Band (2017), a jornalista se tornou a primeira mulher a comandar uma mesa redonda de futebol no Brasil após assumiu o comando do Jogo Aberto, na Band, em 2007. Renata ingressou na televisão em junho de 2003, como apresentadora do programa Debate Bola (Rede Record), diariamente ao meio dia, e do programa Terceiro Tempo (Rede Record) ao lado de Milton Neves, aos domingos à noite.

Além das duas atrações esportivas da Record, Renata apresentou o Golaço, da Rede Mulher, de 2005 a dezembro de 2006. Em 1997, participava, em Porto Alegre, do programa Tele Domingo, da RBS TV (afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul) apresentando os principais eventos culturais do fim de semana. (SITE OFICIAL DA RENATA FAN, 2011)

O programa Jogo Aberto (Rede Bandeirantes) tem como apresentadora a Renata Fan desde o início, no dia 5 de fevereiro de 2007. A apresentação é ao vivo e acontece de segunda a sexta-feira às 11h15min. Segundo Baggio (2012), o Jogo Aberto é um programa de notícias e debates com foco principalmente no futebol,

com participação de ex-jogadores e especialistas no assunto. O elenco, na época em que foi criado, era composto por Denílson, Ronaldo Giovanelli, Edmundo, além dos comentaristas Dr. Osmar, Mauro Beting e Ulisses Costa.

Os programas esportivos apresentados por mulheres foram crescendo cada vez mais e tomando conta das afiliadas de redes de televisão nacionais. No estado de Sergipe não foi diferente. O Globo Esporte Sergipe e o Atalaia Esporte, programas esportivos das afiliadas Rede Globo e Rede Record, respectivamente, têm apresentadoras à frente dos telejornais esportivos.

Bessa (2006), critica todo preconceito sofrido pelas mulheres no campo esportivo do jornalismo.

Pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de comentarista (para emitir opiniões de verdade, não vomitar um script), principalmente quando têm contato direto com o público. No futebol, então! Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto. Muitas garotas já o praticam, mas falar sobre técnica e tática? Discutir se dá para a seleção jogar com dois centroavantes ou se meia é posição em extinção no Brasil? As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: Mulheres podem jogar, mas que não se profissionalizem nem tentem entender o assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só os machos têm competência para opinar, gerir e praticar. (BESSA, 2006, p.1)

Muito embora o número de mulheres tenha crescido no telejornalismo esportivo no Brasil, ainda podemos enxergar em algumas emissoras a “passividade” das mulheres enquanto âncoras de um telejornal esportivo. Segundo Alexandrino (2011), algumas delas apenas leem o que está escrito no teleprompter, sem de fato mostrar que entendem de esporte, fazendo comentários, participando de debates, como a jornalista Renata Fan, da Bandeirantes.

No próximo capítulo será verificado se a presença feminina na TV Atalaia é apenas para um mecanismo de audiência ou se de fato a narrativa esportiva mudou com a presença delas no comando dos telejornais esportivos da emissora.

5 ESTUDO DE CASO

5.1 TV Atalaia

Segundo Mota (2014), a TV Atalaia, na época com o nome de TV 31 de março, foi criada pelo ex-governador Augusto Franco em 31 de março de 1975, como afiliada da TV Tupi. De acordo com Redação Portal A8 (2010), a emissora sergipana projetou no canal, de início, barras de teste e luzes, porém às 12h do dia 17 de maio de 1975 entrou ao ar oficialmente com um vídeo do radialista Carlos Mota apresentando a TV.

De acordo com a Redação Portal A8 (2012), a emissora exibia uma programação com muitos programas sergipanos. A edição 5.064, dos dias 18 e 19 de maio de 1975, do jornal Gazeta de Sergipe ressalta que a programação na época era composta pelo Repórter 08 apresentado pelos jornalistas Sergio Gutembergue, Jorge Gonçalves, Alberto Montalvão e Antônio Vieira; pelo Nosso Mundo Infantil, que tinha como apresentadora a Nazaré Carvalho, mais conhecida por "Tia Nazaré"; pelo programa de auditório Sábado Geral comandado por Reinaldo Moura, Luiz Trindade, Hilton Lopes e João de Barros; pelos noticiários que eram lidos por Demerval Gomes e Jorge Azevedo; e a parte esportiva por Alceu Monteiro e Wellington Elias.



Figura 20 – Jornal Gazeta de Sergipe divulgando o início da transmissão da TV Atalaia em 17 de maio de 1975. (FOTO: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/31927>)

A edição 5.064 do jornal Gazeta de Sergipe, datado em 17 de maio de 1975, destaca que a emissora era para ser inaugurada meses antes, porém um curto circuito no ar condicionado causou um incêndio destruiu equipamentos, como câmeras e vídeo-tape. O jornal ainda ressalta que este acidente fez com que o Grupo Franco redobrasse o esforço e, assim, que a TV Atalaia fosse uma das mais modernas do Norte e Nordeste naquela época. “De tal modo que a televisão de Alagoas foi feita a imagem a semelhança da Atalaia” (GAZETA DE SERGIPE, 1975, p.1)

Desde a primeira transmissão, a TV Atalaia trouxe aos sergipanos a inovação de uma programação totalmente colorida, sendo a primeira da região Norte e Nordeste a conquistar este feito. Segundo a Redação Portal A8, os jornais Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade registraram o aumento triplicado da venda de televisores em cores depois da inauguração da emissora através de reportagens.



Figura 21 – Jornal Gazeta de Sergipe destaca o início da transmissão da TV Atalaia com programação a cores. (FOTO: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/31927>)

Em 1980 a TV Tupi foi extinta e a emissora sergipana passou a ser afiliada da recém-inaugurada por via satélite, a Rede Bandeirantes. Em 1986, passa a ser afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Após 20 anos como afiliada da SBT, em 2006, a emissora sergipana firma contrato com a Rede Record, ao qual é afiliada até hoje.

Segundo informações do Portal A8 (2012), a TV Atalaia foi a primeira emissora sergipana, e a primeira afiliada à Rede Record, a iniciar as transmissões digitais em 22 de janeiro de 2009, no canal 35. A emissora realizou a sua primeira transmissão em Alta Definição (HDTV) em 12 de fevereiro de 2010, transmitindo os Jogos Olímpicos de Inverno em Vancouver. No mês seguinte, passou a ser uma das primeiras emissoras do Brasil a exibir diariamente telejornais totalmente em HDTV.

A programação local da TV Atalaia é composta atualmente pelo Balanço Geral Manhã, apresentado por Fábio Henrique; o Você em Dia no comando de Jaqueline Cruz e Rogério de Mello; o TV Atalaia Entrevista com Carlos Batalha; o

Balanço Geral Sergipe, apresentado por Tiago Hércias e com comentários de Coronel Iunes; o Atalaia Esporte por Rafaella Oliveira; o Tolerância Zero no comando de Baretta; o Boa tarde Sergipe com Thamires Francis; o Cidade Alerta por Gilmar Carvalho; o Jornal do Estado, apresentado por Gilvan Fontes; e o Canal Elétrico com Fabiano Oliveira. Além desses, também existem programas ligados ao núcleo comercial, também chamados de programas com horário comprado, como o Mora, Sergipe ou Thaís Bezerra.

5.2 Atalaia Esporte

A TV Atalaia tem programas esportivos em sua grade de programação desde sua fundação. Atualmente, o programa esportivo da emissora é o Atalaia Esporte, que estreou em abril de 2014 com o intuito de oferecer espaço na televisão não só para o esporte profissional, como também, para o esporte amador, e também para suprir uma necessidade que a emissora tinha na cobertura das modalidades esportivas, segundo o diretor de jornalismo da TV Atalaia, Eduardo do Valle.

O Atalaia Esporte veio para suprir a necessidade de que a televisão tinha na cobertura esportiva. A gente nunca deixou de ter programa esportivo, desde a fundação da emissora. E a gente precisava ter um programa que, por si só, comportasse essa cobertura que o comercial estava gerando e a gente precisava desse programa. Especificamente, por isso. Então, voltamos a tradição que nunca foi esquecida. De dois anos para cá, a gente fortaleceu ainda mais. (DO VALLE, 2017, em entrevista aos autores).

No início era transmitido ao meio dia e tinha a apresentação de Lílian Fonsêca com comentários de Raimundo Macêdo. Segundo Record TV (2014), o

superintendente do sistema de comunicação, Augusto Franco Neto declarou, durante a festa de 40 anos da emissora, que o programa esportivo da TV Atalaia era o líder de audiência no horário em Sergipe. Lílian, recebeu um convite da direção do programa para assumir o programa esportivo.

(...) estava precisando colocar um programa de esporte para fortalecer e também por questões de concorrência também. E aí, Eduardo acabou me chamando e disse: “Olha eu quero um programa de esporte mais leve e eu acho que você tem esse perfil, topa? ” Aí eu falei: “Topo”. Até então nunca tinha passado pela minha cabeça fazer programa de esporte. De cara eu topei, aceitei o desafio. Eu recebi o programa com um horário pronto, e ele falou que era Fábio quem ia fazer a edição. E a partir daí, a gente pensou como seria esse programa. (FONSECA, 2017, em entrevista aos autores).



Figura 22 – A ex-apresentadora Lílian Fonsêca durante o programa em 2014. (FOTO: https://i.ytimg.com/vi/_jNvMurAlI/maxresdefault.jpg)

Em 2016, Lílian Fonsêca sai do comando do Atalaia Esporte, sendo substituída temporariamente por Raimundo Macêdo. Na época, a atual apresentadora Rafaella Oliveira já comandava outro programa esportivo transmitido na emissora, porém de “espaço comprado”, o Esporte na Área, que era transmitido aos sábados. Com a visibilidade deste trabalho, a jornalista foi convidada para apresentar o Atalaia Esporte após a saída de Lílian Fonsêca e assumiu o comando

do programa em maio de 2016. Atualmente, o Atalaia Esporte vai ao ar de segunda a sexta, das 13h às 13h10.



Figura 23 – A apresentadora Rafaella Oliveira durante o programa em 2016. Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/Oq6luratQ-c/maxresdefault.jpg>

5.3 Estudo do Caso

De acordo com Gil (2002), o estudo de caso é um estudo profundo e minucioso de um determinado objeto. Essa metodologia permite um maior e mais específico conhecimento no objeto de pesquisa, e essa é a maior diferença para os outros delineamentos. “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados.” (GIL, 2002, p. 54).

O estudo de caso foi escolhido pelo fato da presença feminina no jornalismo esportivo ainda ser um tema pouco explorado em Sergipe e no meio acadêmico. Desta forma, esse estudo parte da seguinte pergunta de partida: A

presença feminina a frente do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é um meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial? Então, faz-se necessário um aprofundamento deste objeto e o estudo de caso proporciona ferramentas para melhor aproximação e resposta do objetivo geral. Além disso, a intenção do estudo é analisar o papel das apresentadoras, relacionando-as ao Atalaia Esporte, e não analisar o conteúdo das notícias.

Desta forma foram realizadas entrevistas com a apresentadora do Atalaia Esporte, Rafaella Oliveira; com o produtor-executivo, Fábio Teles; e com o diretor de jornalismo da TV Atalaia, Eduardo de Valle no dia 13 de outubro de 2017, na sede da emissora. O segundo encontro para entrevistas aconteceu com a ex-apresentadora, Lílian Fônsaca no dia 27 de outubro de 2017 em uma livraria do Shopping Jardins. Por último, o comentarista da TV Atalaia, Raimundo Macêdo, foi entrevistado no dia 4 de novembro de 2017 na sede da TV Atalaia. Para a realização da mesma, foram utilizadas perguntas abertas e gravadas pelo celular, entre elas: Qual a sua função além de apresentadora? Você escreve TP, dá sugestões de matérias?; No Atalaia Esporte, as mulheres são permitidas a dar a opinião delas ou precisa só mais ler TP e apresentar?; Qual o principal motivo para vocês escolherem um período Lílian e agora Rafaella?; Você acha que o motivo do “rostinho bonito” foi o principal para colocarem você a frente do Atalaia Esporte? As entrevistas serviram para tirarmos as conclusões necessárias no estudo de caso, uma vez que, entrevistando o corpo administrativo e produtor do programa, conseguimos chegar a solução do nosso problema e objeto de pesquisa.

Além disso, foram realizadas pesquisas bibliográficas para traçar um histórico da participação feminina no telejornalismo esportivo da TV Atalaia.

5.3.1. Não é só um rostinho bonito

Este estudo teve como um dos guias saber como a presença feminina trouxe uma diferenciação na narrativa sobre o esporte. Alguns autores como Ramos (2010) acreditam que as mulheres conquistaram espaço no jornalismo esportivo por soltar o verbo, mostrando que entende do assunto com desenvoltura e emoção, e conseqüentemente, trazendo uma cara nova aos programas esportivos. Outros autores, como Alexandrino (2011), consideram que a inclusão da mulher é causa pela beleza estética, por causa do uso da imagem ser algo fundamental na televisão e mulheres bonitas atraírem mais telespectadores.

Em entrevista concedida a este estudo, o produtor-executivo do Atalaia Esporte, Fábio Teles, lembrou que no início a beleza era um dos principais motivos para a contratação de mulheres para o jornalismo esportivo, pois atraía o público principal público do programa, que era o masculino.

(...) eu lembro até de, quando fiz uma passagem lá mesmo na Unit, uma pergunta que Amorosa fez: “Se as meninas participavam simplesmente por ter um rostinho bonito ou se elas se interessavam mesmo por esporte? ”, ai eu disse que no início era mais por ter um rostinho bonito mesmo. Porque como o programa é esportivo, o comercial, a direção vê que o programa é mais voltado para o público masculino, ai eles acham que tendo uma mulher e uma mulher bonita na apresentação vai atrair mais o público pelo fato de ter essa maioria de público masculino. Mas eu acho que dos últimos anos para cá, as meninas estão se interessando mesmo né? (TELES, 2017, em entrevista aos autores).

Fábio ainda afirma que as coisas mudaram e que hoje em dia é fundamental que a mulher entenda do que está falando, pois é necessária a proximidade entre apresentadora e público, principalmente através das redes sociais, que exigem maior conhecimento do assunto pelas jornalistas. “E eu acho que como, assim, os programas estão ficando mais dinâmicos, mais entrevistas,

mais saindo daquele padrão de só lê TP. Tem mais interatividade com o público nas redes sociais, então assim, ou elas entram nesse novo sistema de realmente entender do que elas estão falando, eu acho que não tem mais espaço não para só ler TP.” (TELES, 2017, em entrevista aos autores).

A atual apresentadora do Atalaia Esporte, Rafaella Oliveira, por meio de entrevista realizada para esta pesquisa, ressaltou que estuda e pesquisa bastante sobre esporte e que isso a tem feito gostar e aprender sobre o assunto.

Todo dia quando chego aqui, a primeira coisa que eu faço é dar uma geral, pesquiso o que está rolando sobre esporte na internet, é uma das primeiras coisas que eu faço. Então, dou uma olhada, sempre estou lendo sobre o assunto. Até porque aqui eu considero uma escola para mim, é algo que eu aprendo todos os dias. Eu gosto de esporte, tenho gostado cada vez mais e tenho aprendido cada vez mais. (OLIVEIRA, 2017, em entrevista aos autores).

Durante a entrevista concedida para esta pesquisa, o comentarista esportivo da TV Atalaia e do Atalaia Esporte, Raimundo Macêdo elogiou o crescimento do envolvimento, interesse e conhecimento das jornalistas em relação aos esportes.

Eu acho que a mulher buscou seu espaço e buscou para valer. E tem colegas, tem jornalistas mulheres que conhecem até mais do que certos homens, do que muitos homens. A verdade é essa. Se especializaram, pesquisaram, se aprofundaram e eu fico muito feliz porque tem que ter mulher. No nosso meio, a mulher é a alegria de tudo e, claro, profissionalmente. Ela realmente traz alegria, traz a beleza. (MACÊDO, 2017, em entrevista aos autores).

Através da entrevista feita para esse estudo, o diretor de jornalismo da TV Atalaia, Eduardo do Valle garantiu que a escolha de Lílian e Rafaella não foi feita apenas por beleza estética. “A questão de ser jovem também contou muito, porque a gente entendia que era importante ter uma pessoa jovem apresentando, que tivesse um contato com o público jovem. E que também praticasse esporte e ela também

praticava esportes. Então, isso uniu o útil ao agradável. ” (VALLE, 2017, em entrevista aos autores)

A ex-apresentadora do Atalaia Esporte, Lílian Fonsêca afirmou, em entrevista realizada para esta pesquisa, que acha que foi chamada para apresentar o programa por beleza estética e por já existir mulheres na apresentação do telejornalismo esportivo da principal emissora concorrente, o Globo Esporte da TV Sergipe. Além disso, a jornalista lembra que no início do programa não sabia direito o que ia ao ar durante o programa e que tinha a obrigação de seguir o *script*. Porém depois que virou produtora do Atalaia Esporte, passou a saber tudo o que acontecia nos bastidores do programa e a estudar mais sobre esporte, o que a permitiu fugir da obrigação de seguir o *script*.

No primeiro momento, eu não sabia o que ia para o ar, eu pegava o script faltando 5min para o programa ir ao ar e algo do tipo “se vire”. E aí eu fiquei naquela briga eterna de tentar me envolver mais, de saber o que que ia ao ar, porque eu nunca quis ser leitora de TP, isso me incomodava. Já no segundo momento foi imersão total. Como eu produzia, eu pautava, eu fazia tudo, então eu sabia o que ia para o programa, eu sabia o que era legal, eu estudava realmente, então eu tinha um certo domínio, um certo fôlego. Eu me envolvi nessa segunda parte do Atalaia Esporte por isso, porque eu tinha mais liberdade, eu conseguia fazer o esporte do jeito que o esporte deveria ser feito. (FONSECA, 2017, em entrevista aos autores).

A ex-apresentadora do programa, Lílian Fonsêca ainda acredita que as mulheres estão mudando a narrativa jornalística sobre o esporte através da imposição da personalidade, deixando os programas apresentados por mulheres com a “cara” da jornalista.

Eu acho que hoje está mudando, é uma das coisas eu falo muito, que eu preservo que eu gosto muito, é a personalidade, que é dar a cara. E tem muita gente boa dando a cara mesmo por aí. Tem muita cópia, óbvio. Mas acho que está mudando sim. Está levando um outro olhar para o esporte sim, acho que está mudando. E que bom que está mudando. (FONSECA, 2017, em entrevista aos autores).

5.3.2. Inserção ou Linha Editorial?

Este estudo de caso também procurou saber se a presença feminina à frente do Atalaia Esporte, da TV Atalaia é um mecanismo de inserção ou projeção linha editorial. A inserção da mulher no jornalismo brasileiro começou no século XIX, quando poucas mulheres sabiam ler e eram raras as colaborações em jornais. Com isso, como Pereira (2017) ressalta as mulheres que sabiam escrever, o faziam com o objetivo de escrever pelas que não sabiam.

Durante esse estudo de caso foram destacadas mulheres que são exemplos quando se trata da inserção de mulheres no jornalismo esportivo, como Nísia Floresta, a primeira a colaborar em um jornal; Regiani Ritter, primeira mulher como narradora e âncora a cobrir uma Copa do Mundo, em 1994 nos Estados Unidos pela TV Gazeta; Isabela Scalabrini, que fez parte da primeira equipe do Globo Esporte; Renata Fan, que é a primeira mulher a comandar uma mesa redonda de futebol no Brasil e muitas outras.

Com inspiração nelas e através de entrevistas com pessoas ligadas ao programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, buscou-se saber se o fato de só ter mulheres como apresentadoras desde da criação do programa é uma estratégia inserção da mulher no telejornalismo sergipano.

A ex-apresentadora do Atalaia Esporte, Lílian Fonsêca, acredita que o motivo de mulheres serem escolhidas para comandar os programas esportivo em Sergipe é o modismo, a necessidade de se igualar com o que acontece fora do estado.

Tem muita mulher boa fazendo esporte fora (do estado de Sergipe). Eu assisto muito Esporte Interativo, até porque eu vivo aquilo ali, mas tem muita mulher apaixonada pelo esporte, faz porque ama. Mas trazendo para nossa realidade, eu acho que virou um pouco de “moda”. “Precisa ter uma

mulher, porque lá fora tão fazendo isso, então vamos levar na mesma linha". Aqui eu não vejo muita paixão não. Fora ainda consigo ver. (FONSECA, 2017, em entrevista aos autores).

A segunda hipótese deste estudo é que a participação de Lílian Fonsêca e Rafaella Oliveira como apresentadoras do Atalaia Esporte seja uma linha editorial da TV Atalaia. Afinal, o Atalaia Esporte não foi o primeiro programa esportivo da TV Atalaia a ter jornalistas como apresentadoras. O diretor de Jornalismo, Eduardo do Valle destaca a participação de Paola Lima como apresentadora do Esporte Agora. "A gente sempre teve mulheres na apresentação do programa esportivo aqui na TV Atalaia. Antes delas duas, a gente já tinha o Esporte Agora que apresentado por Paola Lima, que já vinha também de uma tendência de mulheres apresentando. " (VALLE, 2017, em entrevista aos autores).

5.3.3. Jornalismo esportivo: Fazer a diferença, Oportunidade de Trabalho ou Paixão?

Outro ponto que esta pesquisa procurou responder era saber quais os reais objetivos por trás da escolha das apresentadoras em seguir na editoria de esportes, procurando saber se elas queriam fazer a diferença nessa quebra de paradigmas, se é apenas uma oportunidade ou se o jornalismo esportivo é uma paixão. Durante as entrevistas foi perceptível que as duas apresentadoras do Atalaia Esporte ressaltaram as dificuldades no início, e que nunca imaginariam trabalhar com a editoria esportiva, mas apontaram que sempre se interessaram por esporte.

(...) surgiu dessa proposta, desse convite do Eduardo do Valle para fazer um programa de esporte. De cara foi um susto. Nunca tinha passado na minha cabeça fazer esporte. Eu me formei para fazer previsão do tempo, mas aqui não tem como. E quando surgiu eu abracei de cara e descobri algo que dentro de mim estava lá escondido que era a paixão em fazer o Jornalismo esportivo. (FONSÊCA, 2017, em entrevista aos autores).

Para Rafaella Oliveira, trabalhar com jornalismo esportivo é ter o poder de transformar a opinião de alguém que não gosta e aprimorar ainda mais a de quem já conhece e acompanha esse segmento jornalístico.

(...) eu admirava muito o estilo de jornalismo e porque eu achava, e ainda acho, que um bom programa de jornalismo esportivo faz uma pessoa que não é apaixonada por esporte, começar a gostar, começar a entender. Foi o que aconteceu comigo, eu comecei a gostar mais de esporte. (OLIVEIRA, 2017, em entrevista aos autores).

A direção do programa também afirmou que o interesse e conhecimento pelos esportes motivou na contratação e no perfil das apresentadoras do programa.

A questão de ser jovem também contou muito, porque a gente entendia que era importante ter uma pessoa jovem apresentando, que tivesse um contato com o público jovem. E que também praticasse esporte e ela também praticava esportes. Então, isso uniu o útil ao agradável. (DO VALLE, 2017, em entrevista aos autores).

As ambições das duas dentro do jornalismo esportivo divergem um pouco. Enquanto Lílian quer “chegar onde Cristiano Ronaldo chegou” (Fonsêca, 2017), ou seja, através da dedicação e da paixão pelo esporte, ser reconhecida pelo trabalho que realiza, e que a partir dela, outras mulheres possam surgir no esporte.

Rafaella pretende seguir na carreira de jornalista esportivo para dar uma maior abertura na comunicação entre o programa Atalaia Esporte e o telespectador, para ela trabalhar com esporte é uma mescla de paixão com a oportunidade de fazer a diferença enquanto mulher.

(...) e meu objetivo é justamente esse, passar a informação com qualidade para as pessoas e sempre fazendo com que a pessoa se sinta próxima, como se estivesse batendo um papo mesmo com a gente, e discutindo sobre futebol, ginástica, sobre tudo do universo esportivo e tudo que fazemos no programa é buscar a identificação com cada um (...). (OLIVEIRA, 2017, em entrevista aos autores).

5.3.4. Participação ou Leitura de TP?

O presente estudo de caso também teve como um dos nortes saber se as apresentadoras que passaram pela apresentação do telejornal esportivo Atalaia Esporte costumavam ser participativas durante a apresentação do programa e preparação do programa, ou apenas liam o que estava escrito no telepromter.

Após as entrevistas feitas com todos os fundadores do programa, com a direção da emissora, e apresentadoras, foi possível constatar que o Atalaia Esporte dá a possibilidade das apresentadoras mostrarem a suas opiniões e participarem de todo o processo criativo do programa, afirmando assim o conceito de âncora proposto por Barbeiro e Rangel (2013) de que o âncora “participa de todas as etapas da transmissão, desde a reunião de pauta até a avaliação final. É ele quem comanda a transmissão dentro e fora do ar (...) busca a objetividade e relevância dos fatos” (BARBEIRO E RANGEL, 2013, p.77).

Em entrevista concedida a esta pesquisa, Lílian Fonsêca, ex-apresentadora e primeira apresentadora do programa, disse que a liberdade que ela tinha para opinar durante a atração foi conquistado aos poucos.

Eu sempre fiz isso por eu achar que deveria fazer. Opinei nos momentos interessantes que eu achava que deveria opinar, mas não chegaram para mim e falaram: que eu tinha que opinar depois de cada matéria. Não, não é isso. Você chega e vai se impondo. Eu fui dando minha cara. (FÔNSECA, 2017, em entrevista aos autores).

Lílian ainda afirmou que em uma determinada fase do programa, ela assumiu toda a função por trás e na frente das câmeras.

E esse tempo todo que foi o momento que eu assumi o Atalaia Esporte, eu fazia tudo. Então eu era produtora, eu era apresentadora, eu era editora, eu repórter. Eu quem colocava o programa no ar, eu quem via, discutia as pautas com Raimundo, e assumi tudo essa parte toda (...). Então eu escrevia, eu montava TP, eu colocava no ar, eu quem fazia texto de merchandising. (FONSECA, 2017, em entrevista aos autores).

Rafaella Oliveira, atual apresentadora do telejornal esportivo, pelo menos até o final deste trabalho de conclusão de curso, também dá opiniões em alguns assuntos, mas evita que a opinião dela influencie na opinião final do telespectador e também sempre procura ter bastante cuidado com o que vai falar ao vivo. “A gente procura ter um cuidado, na verdade, para não influenciar, quando é algo muito polêmico e tal, na opinião do público. Acho que já teve um problema em relação a isso.”. (Oliveira, 2017).

A direção da emissora e o editor chefe do programa fazem questão de frisar que o Atalaia Esporte é um programa diferenciado, em que há espaço sim para as opiniões da apresentadora durante a exibição do programa. Em entrevista para esta pesquisa, Fábio Teles, editor chefe do programa, ressaltou que a presença feminina com as opiniões traz outro olhar para o programa.

O Atalaia Esporte é muito livre. Elas têm sempre autonomia de dar opinião, de colocar a visão delas sobre vários assuntos, mais ainda com essa interatividade que tem. Os internautas mandam perguntas, manda sugestões, tem participação até ao vivo e por isso que cada vez mais elas têm que entender do assunto para que possam responder e atender a expectativa do telespectador. (TELES, 2017, em entrevista aos autores).

Fica claro que o programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, dá abertura para que as mulheres que a apresentam/apresentaram o jornal deem suas opiniões sobre as matérias e os diversos assuntos esportivos que o programa apresenta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, que teve como tema: “O papel da mulher no telejornalismo na TV Atalaia”, teve como base o programa Atalaia Esporte, o qual histórico de apresentação é todo feminino, e teve como objetivo geral saber se a presença feminina a frente do programa Atalaia Esporte é um meio de inserção ou projeção de linha editorial.

Durante as entrevistas com a direção da emissora e todo o corpo fundador do programa notou-se que todos, sem exceção, estão juntos na quebra de paradigmas de que esporte é apenas coisa para homens, e que a presença feminina dentro das editorias esportivas hoje, não é apenas por um padrão estético, ou “mais um rostinho bonito”, e sim uma verdadeira inserção das mulheres na editoria que, embora ainda seja comandada pela maioria masculina, está em constante transformação.

A falta de referencial bibliográfico sobre jornalismo esportivo e sobre gênero no jornalismo esportivo dificultou um pouco o andamento da pesquisa, e no tocante as informações sobre a mulher no telejornalismo esportivo em Sergipe, a carência dessas informações é ainda maior.

Foi perceptível durante o andamento do trabalho que as mulheres ocupam cada vez mais lugares de destaque no telejornalismo esportivo no Brasil. Esse crescimento deu-se a partir da década de 1970, quando há um aumento na cobertura de modalidades esportivas no país, mas foi a partir da década de 1990 que elas assumem as posições de maior destaque nos programas esportivos.

No que tange ao gênero discutido no jornalismo, foi possível observar que as mulheres adquiriram o conhecimento necessário para a luta de igualdade de gênero, e com a expansão do jornalismo no país, puderam entrar em várias editorias, inclusive na do esporte, onde há também mulheres fundadoras e diretoras de jornalismo em jornais.

Foi possível concluir durante a pesquisa que o fazer jornalístico esportivo mudou com a ascensão do número de mulheres presentes na editoria, porém em muitos programas esportivos a participação feminina ainda está de forma restrita, uma vez que elas não participam efetivamente de todo o processo do telejornal, tampouco podem demonstrar seu conhecimento na área, fato que não ocorre no programa Atalaia Esporte.

Identificou-se que em Sergipe, mais precisamente no programa Atalaia Esporte, as mulheres têm espaço para um maior papel durante a apresentação do telejornal, ou seja, além de participarem de toda a parte de produção do jornal, produção de roteiro, reuniões de pauta, apresentação, elas também dão opiniões durante o telejornal, ocupando assim, um lugar de destaque no programa, e ajudando a quebrar ainda mais paradigmas.

Uma vez que as mulheres que comandam/comandaram o programa Atalaia Esporte têm espaço para uma participação mais assídua e protagonista na atração, conclui-se que a pergunta de partida foi respondida. É de extrema importância que se discuta mais vezes esse tipo de temática, pois ainda há um estigma muito forte na sociedade de que esporte é coisa para os homens e feita pelos homens, então é possível que pesquisas como esta possam abranger a discussão de gênero no jornalismo, e mostrar que as mulheres estão conquistando mais espaço na editoria esportiva pelo seu conhecimento sobre o assunto.

Embora ainda exista muito preconceito enraizado na sociedade sobre como a mulher consegue atingir um patamar tão alto dentro de um programa esportivo são através de pesquisas como essa que esses preconceitos vão sendo resolvidos.

Espera-se que esta pesquisa sirva como base para as próximas pesquisas sobre a presença feminina no Telejornalismo esportivo em Sergipe, uma vez que, estudos sobre essa discussão ainda são escassos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no jornalismo esportivo**: Análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000951.pdf>>. Acesso em 14/10/2017.

ALMEIDA, Lara Monique Oliveira. **Eugênia Brandão**: a primeira repórter do Brasil. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/EUGENIA%20BRANDaO.pdf>> Acesso em 30/09/2017.

ALMEIDA, Marlaine Lopes. **Leyda Régis**: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe. 2009. Disponível em: <https://bdtu.ufs.br/bitstream/tede/1576/1/MARLAINE_LOPES_ALMEIDA.pdf>. Acesso em 14/10/2017.

BAGGIO, Luana Maia. **Representação da Mulher no Telejornalismo Esportivo: A atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. Santa Maria: 2012. Disponível em: <<https://lapeccor.files.wordpress.com/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-no-telejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programa-jogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf>> Acesso em: 30/09/2017.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BAND. Jogo Aberto. **Site oficial da Band**. 2017. Disponível em: <<http://www.band.com.br/jogoaberto>> Acesso em: 30/09/2017.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. 2 ed. São Paulo, editora Contexto, 2013.

BARRETO, Luiz Antônio. **90 Anos de um Grande Gesto - Club Esportivo Sergipe**. 2009. Disponível em: <http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=394&titulo=Artigos_Colaboradores> Acesso em: 23/09/2017.

BESSA, Clarice. **Mulheres de Atenas**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/beijospratorcida/mulheres.htm>>. Acesso em: 14/10/2017.

BORELLI, Viviane. **O esporte na construção específica no campo jornalístico**. Disponível em: < <http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf> > Acesso em: 22/09/2017.

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. **Redação Sportv: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico**. 2010. Trabalho de monografia. Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf> > Acesso em: 22/09/17.

CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

CERQUEIRA, Carla Braga. **A imprensa e a perspectiva de gênero: As vozes femininas nas notícias de primeira página do Público e do Correio da Manhã**. 2008. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29721>> Acesso em: 29/09/2017.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª ed. São Paulo, editora Contexto, 2011.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**. 2009. Disponível em: < <http://principo.org/esporte-e-espetculo-na-modernidade-aracajuana-os-clubes-esport.html> > Acesso em: 23/09/2017.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. 2016. Disponível em: < https://www.academia.edu/26075195/MULHERES_NO_JORNALISMO_ESPORTIVO_-_TCC_ECO_UFRJ> Acesso em: 07/10/2017.

FELZ, Jorge Carlos. **A fotografia de imprensa nas primeiras décadas do século XX – o desenvolvimento do moderno fotojornalismo**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20fotografia%20de%20imprensa%20nas%20primeiras%20decadas%20do%20seculo%20XX.pdf>> Acesso em: 07/10/2017.

FONSÊCA, Lílian. **Entrevista IV**. [out. 2017] Entrevistadores: Dandara Prado e Gustavo Rodrigues. Aracaju, 2017. 1 arquivo. Mp3 (22min30s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia

FUTEBOL NACIONAL. **Campeonato Sergipano 1918**. 2017. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwir14WasevWAhUSI5AKHVIVCgEQFgg-MAM&url=http%3A%2F%2Fwww.futebolnacional.com.br%2Finfobol%2Fchampionship.jsp%3Fcode%3DA0855CCC1CB5AC16A61BBACED20FAFA7&usq=AOvVaw1WVPyff_NaHGLjGn5YduQk> Acesso em: 12/10/2017.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. DANTAS, Maria José. **Impressos católicos em Sergipe e suas contribuições para a história da educação**. 2008. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/1062/1/ImpressosCat%C3%B3licos.pdf>> Acesso em: 06/10/2017.

GAZETA DE SERGIPE. **TV-Atalaia, no ar, hoje**. Gazeta de Sergipe, Aracaju, Ano XX, nº 5.064, p. 1, sábado, 17 de maio de 1975. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/31927>>. Acesso em 18/10/2017

GAZETA DE SERGIPE. **TV-Atalaia inicia atividades com programação a cores**. Gazeta de Sergipe, Aracaju, Ano XX, nº 5.064, p. 1, domingo e segunda-feira, 17 e 18 de maio de 1975. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/31928>>. Acesso em 18/10/2017

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: editora Atlas, 2002.

GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. **Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: editora Pongetti, 1925.

GLOBO. Memória Globo sobre Glenda Kozlowski. **Site oficial do Globo**. 2007. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/glenda-kozlowski/trajetoria.htm>> Acesso em: 30/09/2017.

GLOBO. Memória Globo sobre Isabela Scalabrini. **Site oficial do Globo**. 2007. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/isabela-scalabrini/trajetoria.htm>> Acesso em: 30/09/2017.

IMPrensa. Prizibiszki, Cristiane. **Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início**. 2007. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio> Acesso em: 30/09/2017.

JUIZADOS Especiais. Revista CNJ, São Paulo, v. I, 2017.

KLEBIS, Daniela. O movimento feminista no Brasil e no mundo. **Revista Pré-univesp**. Editora Universo, n. 61, Dez 2016/Jan 2017. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/o-movimento-feminista#.Wdk8zVtSzIV>> Acesso em: 07/10/2017.

LUZ, Laura Becker da. **Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão**. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125962/000971863.pdf?sequence=1>>. Acesso em 15/10/2017.

MACÊDO, Raimundo. **Entrevista V**. [out. 2017] Entrevistadores: Dandara Prado e Gustavo Rodrigues. Aracaju, 2017. 1 arquivo. Mp3 (7min15s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia

MELO, Lucas Martins Santos. **Diversão nunca é demais: Um estudo a cerca dos clubes sociais de Aracaju no século XX**. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/28893939/TCC_LUCAS_M._S._MELO_DIVERS%C3%8

3O_NUNCA_%C3%89_DEMAIS_Um_estudo_acerca_dos_clubes_sociais_de_Aracaju_no_s%C3%A9culo_XX> Acesso em: 23/09/2017.

VEIGA, Marcia. **Gênero**: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p490/23361>> Acesso em: 29/09/2017

MIRA, Maria Celeste. **O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massa ou o deslocamento do olhar**. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03>> Acesso em: 30/09/2017.

MOTA, Joanne Santos. **Mercado sergipano de televisão aberta**: TV Sergipe e TV Atalaia e a invasão do “Sudeste way of life”. 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-0244-1.pdf>>. Acesso em 19/10/2017.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100013> Acesso em: 30/09/2017.

OLIVEIRA, Rafaella. **Entrevista I**. [out. 2017] Entrevistadores: Dandara Prado e Gustavo Rodrigues. Aracaju, 2017. 2 arquivo. Mp3 (8min47s e 1min40s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

PEREIRA, Laura Sánchez. **Nísia Floresta**: Memória e história da mulher intelectual oitocentista. 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2929/5/Laura_Pereira_2017.pdf> Acesso em: 07/10/2017.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: a grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial; Fundação Casper Líbero, 2010.

RECORD TV. TV Atalaia divulga nova marca em homenagem aos seus 40 anos. **Site oficial da Rede Record**. 2014. Disponível em: <<http://recordtv.r7.com/emissoras-record/rede/eventos/tv-atalaia-divulga-nova-marca-em-homenagem-aos-40-anos/>> Acesso em: 21/09/2017.

REDAÇÃO PORTAL A8. TV Atalaia: 37 anos de história. **Site oficial da TV Atalaia**. 2012. Disponível em: <<https://a8se.com/sergipe/noticia/2012/05/24159-tv-atalaia-37-anos-de-historia.html>> Acesso em: 19/09/2017.

REDAÇÃO PORTAL A8. TV Atalaia: um marco na história da imprensa sergipana. **Site oficial da TV Atalaia**. 2010. Disponível em: <<https://a8se.com/sergipe/noticia/2010/05/11378-tv-atalaia-um-marco-na-historia-da-imprensa-sergipana.html>> Acesso em: 19/09/2017.

REZENDE, Otto. **Conheça a trajetória da primeira jornalista de esportes do Brasil. 2014.** Disponível em: < <http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalista-regiani-ritter.html>> Acesso em: 30/09/2017.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e espaço público: a inconstitucionalização do jornalismo no Brasil 1808-1964. 2004.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=VS8pZrkTaV0C&pg=PA175&lpg=PA175&dq=Violante+primeira+jornalista+no+brasil&source=bl&ots=RDL9cA-Myl&sig=eT_axgrh9JcKwqfPbVD2jEKAwE4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiPz_7Agc3WAhXDQpAKHRN8DRcQ6AEIUzAK#v=onepage&q=Violante%20primeira%20jornalista%20no%20brasil&f=false> Acesso em: 30/09/2017.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. PIRES, Giovani De Lorenzi. **Jornalismo esportivo e futebol em Aracaju/SE: Recortes históricos de um “casamento feliz”. 2005.** Disponível em: <labomidia.ufsc.br/index.php/.../107-jornalismo-esportivo-e-futebol-em-aracaju-se> Acesso em: 23/09/2017.

RIGHI, Anelise Farencena. **As donas da bola – Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo. 2006.58f.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Área de Artes, Letras e Comunicação, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006. Disponível em <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/anelise-righi.pdf>>. Acesso em: 14/10/2017.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez: A invasão das mulheres no Jornalismo Esportivo Televisivo Brasileiro. Brasília: 2012.** Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf> > Acesso em: 30/09/2017.

SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vidal. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. 2000.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5GmWs7KHLycC&pg=PA521&lpg=PA521&dq=Violante+primeira+jornalista+no+brasil&source=bl&ots=hP_PHFihGX&sig=IYpxllfBzCJuNrA8O7tiV7Le99o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiPz_7Agc3WAhXDQpAKHRN8DRcQ6AEIUTAJ#v=onepage&q=Violante%20primeira%20jornalista%20no%20brasil&f=false> Acesso em: 30/09/2017.

SILVA, Elbênia Marla Ramos. LINHARES, Ronaldo Nunes. **A imprensa em Sergipe: notas sobre as revistas em Sergipe nos últimos anos do século XIX. 2009.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20imprensa%20em%20Sergipe.pdf>> Acesso em: 30/09/2017.

SILVA, Emily Nayara Lima da. GUEDES, Thais Leite Santos. **SER X CON: O grande derby sergipano. 2015.** Disponível em: <<http://comunicacao-ufrs.com.br/wp-content/uploads/2016/01/TCC-SER-X-CON-O-GRANDE-DERBY-SERGIPANO.pdf>> Acesso em: 23/09/2017.

TELES, Fábio. **Entrevista II.** [out. 2017] Entrevistadores: Dandara Prado e Gustavo Rodrigues. Aracaju, 2017. 1 arquivo. Mp3 (6min42s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

VALLE, Eduardo do. **Entrevista III.** [out. 2017] Entrevistadores: Dandara Prado e Gustavo Rodrigues. Aracaju, 2017. 1 arquivo. Mp3 (4min19s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo desta monografia.

VIANA FILHO, Francisco. **Os pioneiros.** Sem data. Disponível em: <http://itabi.infonet.com.br/fsf/images/historias_futebol/os_pioneiros.pdf> Acesso em: 12/10/2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Entrevista com Rafaella Oliveira, apresentadora do Atalaia Esporte

Quando foi que você começou na TV Atalaia?

Quando eu comecei? Tem um ano e pouco. Foi em maio do ano passado. Fui chamada para vim para cá, me perguntaram. Porque antes de apresentar o Atalaia Esporte, eu apresentei por um outro programa de esporte também, o Esporte na Área. Era exibido na TV Atalaia, mas era programa de espaço comprado, aos sábados. Ai por conta desse trabalho, eu ganhei a visibilidade da TV e quando eles precisaram de uma outra pessoa, me chamaram. E ai eu lembro que o próprio Augusto me ligou na época e me pediu para vim aqui. Foi engraçado porque ele me ligou um dia antes do meu casamento, eu tava na loucura, mas eu falei “não, eu vou” e corri para cá, a gente conversou. Ele queria que começasse meio que de imediato, mas daí eu casei, fui para minha lua de mel e logo em seguida eu voltei para a gente começar os trabalhos aqui na TV.

O jornalismo esportivo para você é uma paixão ou uma oportunidade? Você sonhava em trabalhar com jornalismo esportivo?

Então, eu sempre admirei demais o jornalismo esportivo. Hoje em dia, a gente tem na televisão uma linguagem, mesmo no jornalismo tradicional, jornalismo um bancada, uma linguagem um pouco mais solta. Porque eu acho que a sociedade tem pedido muito isso. Então, você fala mais diretamente com o seu telespectador né? Ele se senti mais próximo, mais íntimo. Mas o jornalismo esportivo foi quem trouxe isso em primeiro lugar. E assim, eu achava fantástico, eu amava assistir as reportagens. Confesso que nunca fui uma fã assídua de assistir esporte, mas os programas esportivos, eu nunca perdia. Porque eu admirava muito o estilo de jornalismo e porque eu achava, e ainda acho, que um bom programa de jornalismo esportivo faz uma pessoa que não é apaixonada por esporte, começar a gostar, começar a entender. Foi o que aconteceu comigo, eu comecei a gostar mais de esporte, assim de futebol mais especificamente né? Porque eu sempre gostei de esporte radical, sempre fiz esporte radical, sempre fui atleta de ginastica rítmica, ginastica artística, caratê. De fazer competições, enfim de artes marciais. Mas o futebol em si, eu comecei a aprender, comecei a gostar a partir da admiração pelo jornalismo esportivo.

Você tem alguma referência, alguma apresentadora, alguma repórter que você se inspire?

Eu sou apaixonada por Fernanda Gentil e por Tiago Leifert, que foi quem trouxe na verdade esse jornalismo esportivo mais solto, foi quem revolucionou. Então são dois apresentadores que eu sou fã de carteirinha.

Qual a sua função além de apresentadora? Você escreve TP, dá sugestões de matérias?

Sim, além de apresentar o programa, eu cuido das redes sociais. A gente tem um sistema de dar muita voz e muita aparição aos telespectadores. Então eu seleciono os recados que vão ao ar que o pessoal manda, as fotos e vídeos. Cuido especificamente do programa todo, dos programas especiais, programas temáticos é minha responsabilidade. E assim, no dia a dia, ajudo na produção de pauta, sempre produzo pelo menos uma pauta de esporte por dia. Gravo offs de matérias que as vezes precisa offs serem regravados. Reescrevo textos, porque como nós não temos uma equipe específica de esporte, infelizmente, o texto as vezes vem um pouco a desejar da parte técnica. Então, eu venho, reescrevo, regravado. Além de escrever o script, que é o texto que vai para o teleprompter junto com Fábio: Fábio escreve e eu escrevo uma outra parte, a gente escreve juntos, ou então, ele escreve e eu faço a revisão final. Enfim, a gente trabalha muito com parceria nesse sentido.

Como é a orientação sobre a vestimenta? Você é livre para escolher o tem alguém que escolher para você?

Eu sou livre para escolher dentro de um padrão da televisão. Ninguém escolhe para mim, eu escolho. Mas sempre existe aquela orientação. As vezes o diretor de jornalismo ou Fábio Teles, que é o produtor chefe, fala “Ah Rafa, esse não ficou tão legal, vai mais por alguma outra linha”. Enfim, a gente vai conversando.

Você tem a permissão de dar alguma opinião ao vivo? Você costuma fazer isso?

Sim, de vez em quando. A gente procura ter um cuidado, na verdade, para não influenciar, quando é algo muito polêmico e tal, na opinião do público. Acho que já teve um problema em relação a isso. Recentemente eu fui fazer uma brincadeira, porque eu não revelo o time que eu torço sergipano para ser bem imparcial, mas como nós não falamos do âmbito nacional, o pessoal sabe que eu sou palmeirense, não tem problema. E aí a gente tava falando de um futebol de areia e uns dos times o nome era Palmeiras. E daí eu brinquei, porque o resultado tinha sido 4 a 0, se eu não me engano, ou foi 4 a 1. Eu: “Palmeiras, claro, quatro e o outro time, que eu não lembro qual era agora, um e tal”. Fiz uma brincadeira assim e eu recebi algumas críticas nesse dia. Chegaram mensagens no meu Instagram: “Rafaella, adoro seu trabalho, gosto muito do Atalaia esporte e tal, te admiro, mas achei que você foi infeliz naquele comentário” ou então “achei que você desprestigiou o nosso time e tal”. Daí eu pedi desculpas e me

retratei e assim, explique que não era especificadamente daquele time que eu estava falando. Eu estava brincando pelo fato de time ter o mesmo nome pelo qual eu torço né? O Palmeiras. Então, a gente tem que ter esse cuidado, sim.

Você sofre ou já sofreu algum preconceito por parte dos atletas ou das próprias federações por ser uma mulher e estar à frente do Atalaia Esporte? E na redação, como é vista essa mudança? E na categoria jornalística, o que é que eles falam?

Eu acho que hoje em dia isso já se tornou muito natural. Eu acho que não tem tanto preconceito. Eu acho isso já foi pior. Mas hoje é algo que é buscado: a mulher dentro do esporte. As pessoas dão valor, dão voz. É muito bacana. Claro que acontece, já percebi em alguns locais, algumas federações específicas. Mas é um caso isolado de alguém, assim, descreditar um pouco do seu trabalho e desconfiar um pouco por ser mulher. Mas é muito raro acontecer e não é assim algo bem explicito. É algo que você percebe no jeito de olhar, no jeito de falar.

Como é a questão das reportagens? Você também faz cobertura de eventos esportivos? Você pesquisa muito sobre esporte?

Sim. Todo dia quando chego aqui, a primeira coisa que eu faço é dar uma geral, pesquiso o que está rolando sobre esporte na internet, é uma das primeiras coisas que eu faço. Então, dou uma olhada, sempre estou lendo sobre o assunto. Até porque aqui eu considero uma escola para mim, é algo que eu aprendo todos os dias. Eu gosto de esporte, tenho gostado cada vez mais e tenho aprendido cada vez mais. As reportagens, na verdade, aqui na TV Atalaia, eu saio uma vez por mês para fazer reportagem em geral e aí eu sempre pauto algo de esporte para mim. Não posso fazer só esporte, porque precisa atender as demandas também da casa, do jornalismo. Mas a gente conseguiu aí a muito custo, de vez em quando a gente consegue uma equipe extra para poder sair e fazer só matéria de esporte, que é quem, geralmente, sai sou eu para a gente fazer algumas matérias mais especiais, mais nesse sentido.

APÊNDICE 2 – Entrevista com Fábio Teles, diretor executivo do Atalaia Esporte

Quando você começou na TV Atalaia?

A primeira vez foi em 2007 para voltar com a programação esportiva com o Esporte Agora. Fiquei de 2007 a 2010. Ai o Esporte Agora acabou sumariamente, assim, informaram na terça e disseram que na quinta acabava e acabou. Ai eu voltei depois em 2013, ainda era o Esporte agora, porque depois parou de novo. Ai já na segunda volta foi até ideia nossa de mudar o nome para que fosse algo novo mesmo. Acho que foi em 2013 que a gente começou o Atalaia Esporte e está até hoje. Eu já sai e já voltei, mas continua o Atalaia Esporte até hoje.

Como foi para você trabalhar nesta área esportiva?

Para mim foi um sequencia né? Eu sempre tive vontade de trabalhar no esporte. E ai comecei lá na TV Sergipe em 2000 e ai fiquei até 2006 e comecei aqui em 2007. Sempre foi um sonho mesmo trabalhar na área esportiva e ai só foi dar continuidade, porque a gente já tinha seis anos de experiência na TV Sergipe. Aqui foi um desafio novo, porque foi chegando para implantar o programa esportivo diário aqui. E ai já tinha Raimundo Macêdo, já tinha Wellington Elias que participavam do programa jornalístico que tinha uma parte dentro que chamava Momento do Esporte. E a gente veio para ter mais um espaço exclusivo do esporte. Foi uma experiência muito boa, porque a gente já encontrou uma galera muito experiente aqui dentro, voltada para o rádio. E programa de TV mesmo com reportagem, com edição voltada para o esporte foi nesse momento ai, em 2007.

Desde sua primeira chegada até agora quais foram as funções que você exerceu?

Na primeira vez, eu vim para ser repórter de campo, que a TV Atalaia em 2007 transmitiu o Campeonato Sergipano. Mas não tinha ainda programa de esporte. Ai durante esse campeonato a gente voltou a ter o Esporte Agora. Ai desde o início, eu fui o produtor-executivo, o editor do programa, mas sempre fiz reportagem e as vezes também apresentava, quando era férias de Raimundo que também era apresentador. Na época também tinha Paola Oliveira que era apresentadora. E ai quando voltou o programa ao ar como Atalaia Esporte mesmo, ai já foi com Lílian Fonsêca apresentando e eu na reportagem e na edição.

Qual a sua opinião sobre a presença feminina no jornalismo esportivo?

É sempre bom ter a presença feminina no jornalismo esportivo e elas estão até se interessando. No início, eu lembro até de, quando fiz uma passagem lá mesmo na Unit, um pergunta que Amorosa fez: “Se as meninas participavam simplesmente por ter um rostinho bonito ou se elas se interessavam mesmo por esporte?”, ai eu disse que no início era mais por ter um rostinho bonito mesmo, porque como o programa esportivo, o comercial, a direção vê que o programa é mais voltado para o público masculino, ai eles acham que tendo uma mulher e uma mulher bonita na apresentação vai atrair mais o público pelo fato de ter essa maioria de público masculino. Mas eu acho que dos últimos anos para cá, as meninas estão se interessando mesmo né? Lílian Fonsêca se especializou. Tâmara também se especializou. Rafaella chegou ai também e está se especializando na área. E eu acho que como, assim, os programas estão ficando mais dinâmicos, mais entrevistas, mais saindo daquele padrão de só lê TP. Tem mais interatividade com o público nas redes sociais, então assim, ou elas entram nesse novo sistema de realmente entender do que elas estão falando, eu acho que não tem mais espaço não para só ler TP.

No Atalaia Esporte, as mulheres são permitidas a dar a opinião delas ou precisa só mais ler TP e apresentar?

Não, não. O Atalaia Esporte é muito livre. Elas têm sempre ai autonomia de dar opinião, de colocar a visão delas sobre vários assuntos, mais ainda com essa interatividade que tem. Os internautas mandam perguntas, manda sugestões, tem participação até ao vivo e ai por isso que cada vez mais elas têm que entender do assunto para que possam responder e atender a expectativa do telespectador.

Você está satisfeito com as apresentações das mulheres no Atalaia Esporte?

Muito, muito. Lílian realmente fez um trabalho muito bom e ai quando ela saiu deu aquele suspense né? Se quem viria para o lugar dela iria dar, realmente, essa continuidade, mas ai Rafaella chegou. No início ainda um pouco mais tímida, porque televisão assim de grande porte foi o primeiro trabalho dela. Mas ela supriu a necessidade de manter o padrão de qualidade e representatividade no esporte. Rafaella também hoje já detém tudo, já é um novo nome do esporte sergipano na televisão, Rafaella tem um diferencial que é a espontaneidade dela. Ela é muito espontânea, ela sabe lidar muito com essa parte da interatividade, das redes sociais, de sair daquele padrãozinho do só ler e tal. Ela realmente foi um achado ai, uma indicação de Eduardo do Valle que deu muito certo. Foi ele que descobriu ela. Ele já tinha indicado ela na época do Esporte na Área, que a gente fazia aqui também mais era programa particular. E ai ela só veio e não deixou a desejar não. No início teve aquele baque, muita gente ainda pedia a volta de Lílian, mas ai depois ela tomou conta e hoje ela domina. E realmente na

última pesquisa deu uma crescida muito grande na audiência, na pesquisa IBOPE e eu acho que ela é uma das responsáveis por esse fato da interatividade, da espontaneidade, que ela é muito simpática no vídeo.

APÊNDICE 3 – Entrevista com Eduardo do Valle, diretor de jornalismo da TV Atalaia

Como surgiu a ideia de criar o Atalaia Esporte?

Olha, o Atalaia Esporte veio para suprir a necessidade de que a televisão tinha na cobertura esportiva. A gente nunca deixou de ter programa esportivo, desde a fundação da emissora. A gente tinha programas que chegaram a durar duas horas, programas esportivos diários. De um tempo para cá, a televisão passou a ter um campeonato de futsal, a ter uma corrida de rua, um campeonato de futebol. E a gente precisava ter um programa que, por si só, comportasse essa cobertura que o comercial estava gerando e a gente precisava desse programa. Especificamente, por isso. Então, voltamos a tradição que nunca foi esquecida. De dois anos para cá, a gente fortaleceu ainda mais.

A gente sabe que hoje em dia as mulheres estão dominando o jornalismo esportivo, nas apresentações e nas reportagens. Aqui na TV Atalaia não foi diferente, pelo que a gente vê de 2015 para cá, com Lílian, agora com Rafaella. Essa mudança é só um teste, só para angariar mais audiência ou é mesmo uma mudança na linha editorial?

A gente sempre teve mulheres na apresentação do programa esportivo aqui na TV Atalaia. Antes delas duas, a gente já tinha o Esporte Agora que apresentado por Paola Lima, que já vinha também de uma tendência de mulheres apresentado. Mas são mulheres que elas sabem o que estão falando, elas estão se aprimorando na questão do esporte, estão entendendo cada vez mais de esporte. Isso reflete também uma situação que você vê até nos campos, na própria prática esportiva diária. Você tem muitas mulheres se destacando no esporte brasileiro, no esporte mundial e também na apresentação destes noticiários. Não é que os homens deixaram de fazer ou não ocupam mais espaço. Mas a mulher dá uma leveza, dá alguma coisa a mais na TV.

Qual o principal motivo para vocês escolherem um período Lílian e agora Rafaella?

Lílian já fazia esporte antes na TV Cidade. Veio para aqui como repórter de televisão. E na época a gente decidiu voltar com o programa de esporte e

fizemos várias seleções e ela acabou ficando e apresentando. E depois eu soube, já não estava aqui, mas a assumiu a editoria do programa.

Quais os critérios usados para escolherem a Lílian?

Olha, a principal a qualidade de apresentação mesmo. A questão de ser jovem também contou muito, porque a gente entendia que era importante ter uma pessoa jovem apresentando, que tivesse um contato com o público jovem. E que também praticasse esporte e ela também praticava esportes. Então, isso uniu o útil ao agradável.

E quanto a Rafaella?

Rafaella? Qualidade de apresentação e conhecimento das modalidades esportivas. Foi um fator determinante.

Quem escolheu Rafaella?

Eu também.

APÊNDICE 4 – Entrevista com Raimundo Macêdo, comentarista esportivo da TV Atalaia

Quando e como você começou na TV ATALAIA?

Eu fui a convite de Eduardo do Valle para fazer o portal que era o Atalaia Agora, e ele me levou falando que me queria na reportagem, mas por enquanto não tinha uma vaga, mas que queria garantir. Foi logo depois que eu pedi demissão da TV Cidade, ele ficou sabendo e chamou pra lá. E eu comecei no portal. Fiquei no portal e na reportagem, porque apareceu uma vaga de repórter, e sai depois do portal e acabei ficando como repórter e apresentadora do Atalaia Esporte, porque surgiu a proposta de fazer um programa de esporte e ele queria uma mulher e queria que eu fizesse.

Como foi toda a criação do Atalaia Esporte?

A TV Atalaia já tinha um tempo sem um programa de esporte, porque eles tinham um programa de esporte que era apresentado pela cunhada de Eduardo do Valle, que acabou saindo de lá, e ficou um longo período sem um programa de esporte. Raimundo Macêdo fazia uns quadros dentro do jornal e tava precisando colocar um programa de esporte para fortalecer e também por questões de concorrência também. E aí Eduardo acabou me chamando e disse: “Olha eu quero um programa de esporte mais leve e eu acho que você tem esse perfil, topa?” Aí eu falei: “Topo”. Até então eu nunca tinha passado pela minha cabeça fazer programa de esporte. De cara eu topei, aceitei o desafio. Eu recebi o programa com um horário e falou que era Fábio que ia fazer a edição e daí a gente pensou como seria esse programa, e foi no decorrer do Atalaia Esporte, que eu fui dando minha cara ao programa, então fazer o esporte do jeito que eu acredito que o esporte deve ser feito. Mas assim, surgiu dessa proposta, desse convite do Eduardo do Valle pra fazer um programa de esporte. De cara foi um susto. Nunca tinha passado na minha cabeça fazer esporte. Eu me formei pra fazer previsão do tempo, mas aqui não tem como. E quando surgiu eu abracei de cara e descobri algo que dentro de mim tava lá escondido que era a paixão em fazer o Jornalismo esportivo.

Quem formava a equipe do Atalaia Esporte?

Fábio Teles como editor, Raimundo como comentarista, eu apresentava e Leno como editor de imagem. Só éramos quatro, só. A TV Atalaia nunca teve equipe específica de esporte, então na minha época foi uma luta árdua, foi uma luta

muito grande para tentar crescer o esporte, e infelizmente, falando agora da TV Atalaia que foi por onde eu passei, não se prioriza o esporte, não se valoriza o esporte, o esporte tá lá porque é um produtor, porque tem que ter, mas não veem comercialmente o esporte. Se tem que cortar alguma coisa, corta do esporte, se é o tempo que tem que cortar, tira do esporte. Então a equipe era muito enxuta. Eu nunca fiquei só no esporte lá, e essa era uma das minhas brigas. “Poxa, me tira e coloca só no esporte, pra gente tentar fortalecer”. Não, nunca. Meus plantões no final de semana eram no jornalismo, eu apresentava o Atalaia Esporte, tinha meia hora de almoço e já ia pra reportagem pra fazer o geral, então eu nunca tinha a dedicação exclusiva nem só uma equipe só pro esporte. Se a pauta vai cair, a pauta que cai é a do esporte.

Qual era sua função além de apresentadora? Você também dava sugestões de pauta? Escrevia o TP?

Então, eu vivi dois momentos no Atalaia Esporte. O primeiro momento foi com o Fábio Teles e o Eduardo do Valle, e o segundo momento com a demissão de Eduardo e de Fábio. Que a partir do momento que Marcos Cardoso e Eduardo Andrade assumiram a direção de jornalismo, eles me botaram pra assumir o programa e aí sim. Antes eu só brigava pra fazer algo mais interessante, brigava por pautas legais, pra tentar crescer o esporte, mas com toda essa dificuldade de não se priorizar o esporte era meio complicado, eu ficava dando cascudo em gilete o tempo todo. E esse tempo todo que foi o momento que eu assumi o Atalaia Esporte, eu fazia tudo. Então eu era produtora, eu era apresentadora, eu era editora, eu repórter. Eu quem colocava o programa no ar, eu quem via, discutia as pautas com Raimundo, e assumi tudo essa parte toda, até a minha demissão. Então eu escrevia, eu montava TP, eu colocava no ar, eu quem fazia texto de merchan.

Você tinha liberdade para dar sua opinião no programa?

Liberdade você vai construindo. Ninguém chega lá e alguém diz: “Você pode fazer isso”. Você vai dando seu perfil. Eu sempre fiz isso por eu achar que deveria fazer. Opinei nos momentos interessantes que eu achava que deveria opinar, mas não chegaram pra mim e falaram: “Você vai ter que opinar depois de cada matéria”. Não, não é isso. Você chega e vai se impondo. Eu fui dando minha cara. Quando você vai fazendo, você vai vendo que tem um retorno, não de quem trabalha com você, mas sim de fora. Então as pessoas começam a elogiar, começam a mandar mensagem, elas pensam: “Pô, ela faz um trabalho bacana, porque dá a opinião dela com convicção”. E isso vai te dando a liberdade pra você fazer.

Antes de cada matéria você costumava estudar o assunto?

Nesses dois momentos do Atalaia Esporte como falei anteriormente, é. No primeiro momento, eu não sabia o que ia para o ar, eu pegava o script faltando 5min para o programa ir ao ar e algo do tipo “se vire”. E aí eu fiquei naquela briga eterna de tentar me envolver mais, de saber o que que ia ao ar, porque eu nunca quis ser leitora de TP, isso me incomodava. Já no segundo momento foi imersão total. Como eu produzia, eu pautava, eu fazia tudo, então eu sabia o que ia para o programa, eu sabia o que era legal, eu estudava realmente, então eu tinha um certo domínio, um certo fôlego. Eu me envolvi nessa segunda parte do Atalaia Esporte por isso, porque eu tinha mais liberdade, eu conseguia fazer o esporte do jeito que o esporte deveria ser feito.

No Jornalismo Esportivo quais as suas atuais aspirações, onde você quer chegar?

Onde Cristiano Ronaldo chegou. (risos). Hoje, o Ataque é um projeto de vida. Eu jamais conseguiria falar de esporte do jeito que eu falo se eu não tivesse algo que é meu. Eu tenho uma liberdade absurda no esporte interativo, mas lá é só futebol. Eu não penso em ficar só no futebol. Eu quero tratar do esporte em Sergipe. Então são planos que eu tenho do Ataque ser o maior canal sim daqui.

Você acha que a presença das mulheres no jornalismo esportivo é paixão, linha editorial ou você acha que é uma estratégia de audiência?

Tem muita mulher boa fazendo esporte fora (do estado de Sergipe). Eu assisto muito esporte interativo, até porque eu vivo aquilo ali, mas tem muita mulher apaixonada pelo esporte, faz porque ama. Mas trazendo para nossa realidade, eu acho que virou um pouco de “moda”. “Precisa ter uma mulher, porque lá fora tão fazendo isso, então vamos levar na mesma linha”. Aqui eu não vejo muita paixão não. Fora ainda consigo ver.

Você acha que o motivo do “rostinho bonito” foi o principal para colocarem você a frente do Atalaia Esporte?

Com certeza! Eles não me colocaram porque eles acreditavam que eu trabalhava bem com o esporte. Porque precisava de uma mulher, porque no outro canal tinha uma apresentadora mulher. Talvez se eles não tivessem colocado eu não sei se ia me encontrar tão rápido no esporte. Então assim, a aposta foi essa. Foi porque já tinha uma mulher na concorrência e aqui eles tinham que ter um também. Isso eu não eu não tenho dúvida.

Você vê hoje as mulheres mudando o padrão da narrativa jornalística ou você ainda vê um segmento de muito tempo atrás e elas ainda vêm no fluxo?

Não! Eu acho que hoje ta mudando, é uma das coisas eu falo muito, que eu preservo que eu gosto muito, é a personalidade, que é dar a cara. E tem muita gente boa dando a cara mesmo por ai. Tem muita cópia, óbvio. Mas acho que ta mudando sim. Ta levando um outro olhar para o esporte sim, acho que ta mudando. E que bom que está mudando.

Em algumas vezes o Atalaia Esporte chegou a ser líder de audiência, quando você estava na apresentação. Como isso te marcou?

Eu acho que consegui chegar falando o que o telespectador queria. Mostrando o que ele queria ver. Por que assim, a gente vive num estado que por vários motivos não valoriza o esporte. Se fala muito de que esporte é vida, que tira a criança da criminalidade, de que esporte forma cidadãos, mas pouco se faz. Aí a gente leva para o jornalismo, que não tem essa cultura do esporte aqui, e trabalha muito com pautas repetidas. E sempre aquela pauta superficial, então você tudo muito rápido. Mas acho que foi isso, foi falando a linguagem deles, opinando realmente, conversando, e não lendo um TP, porque ler TP é muito fácil. Então acho que foi assim, que a gente passou muito tempo dando essa cara. E também graças a Raimundo, porque com ele ao meu lado, a gente começou a travar debates interessantes, e as pessoas aqui estão muito cansadas e de ver o mesmo formato o tempo todo. Quando você assiste um telejornal esportivo aqui no estado você já sabe o que vai acontecer, as mesmas notícias e tudo já ta na internet, então acho que o diferencial quando ele (Atalaia Esporte) foi líder de audiência foi isso, foi falar a linguagem que as pessoas queriam, se identificam, e mostrar algo de outra maneira, com outra pegada, com a cara mais sua.

APÊNDICE 5 – Entrevista com Lílian Fonsêca, ex-apresentadora do Atalaia Esporte

Como foi o processo de criação do Atalaia Esporte?

O Atalaia Esporte foi uma proposta, exatamente, para alavancar ainda mais o esporte em nosso estado. Claro que a gente sempre dá um pouco mais de espaço ao futebol profissional, pelo fato de ser um esporte de maior abrangência, de uma paixão bem maior, mas claro abrindo espaço para todas as modalidades. Eu estou desde o início, eu já tenho quase 40 anos na televisão e eu sempre valorizei e eu sempre me apaixonei pelo futebol. E o Atalaia Esporte foi, no início dos anos 70, uma criação exatamente da direção da televisão, depois passou a se chamar esporte 8, depois passou Esporte Agora e voltou ao seu nome tradicional que é o Atalaia Esporte. O futebol por ser apaixonante, por ter o seu lado bonito, porque esporte é vida, esporte é saúde, tem que ter também uma beleza feminina e a participação da mulher no esporte acrescentou ainda mais, deu brilho. Mulher tem um toque todo especial e isso nas grandes emissoras, nas grandes redes de televisão, tem um colega apresentando, mas também tem uma mulher apresentado. Eu acho que isso é importante, deu um toque especial, deu um toque de alegria, deu um toque de magia e deu um toque de beleza também no esporte.

O que você acha do aumento das mulheres no telejornalismo esportivo?

Eu acho bacana. Eu acho que a mulher buscou seu espaço e buscou para valer. E tem colegas, tem jornalistas mulheres que conhecem até mais do que certos homens, do que muitos homens. A verdade é essa. Se especializaram, pesquisaram, se aprofundaram e eu fico muito feliz porque tem que ter mulher. No nosso meio, a mulher é a alegria de tudo e, claro, profissionalmente. Ela realmente traz alegria, traz a beleza. Ai você pode até me perguntar: “Mas você acha que uma crítica feita por uma mulher, ela tem um efeito mais rápido do que a do homem?” Não, porque você está vendo ali a profissional. Ela é mulher, agora ela tem o mesmo gabarito, a mesma tranquilidade e o mesmo profissionalismo de nós homens.

Você percebia as apresentadoras tinham liberdade de expor suas opiniões durante o programa?

Eu trabalhei mais com Lílian Fônseca, que considero uma das grandes profissionais da televisão brasileira. A Rafaella chegou um pouquinho depois, mas também é uma grande profissional. Rafaella é muito dedicada naquilo que faz. Muita gente não sabe, mas Rafaella se preocupa, conversa com as pessoas que ela tem um bom relacionamento, ela vive intensamente o esporte. É uma grata revelação também na televisão brasileira.

Mas você acha que elas tinham esse espaço para fazer críticas, para dar opinião?

Tem, tem. O esporte uma característica é ela ter opinião. Claro que, porque as vezes você pode imaginar “a mulher ela não sai muito do script”, mas eu percebo que em determinados momentos, a própria Lílian fazia isso. Ela tinha liberdade de fazer qualquer tipo de crítica. A Rafaella já está também fazendo algumas críticas. Tudo isso é de acordo com a experiência, o normal é que você vai aprender no dia a dia fazendo esporte.

Na sua opinião, existia paixão pelo esporte durante as apresentações de Lílian e agora com Rafaella?

Eu entendo que a profissão cada um, eu sempre dizia nas emissoras de rádio: A aranha vive do que tece. A necessidade do trabalho, isso é importante. Você não vai fazer uma coisa que você não goste. Você pode até ser escalado para fazer, mas depois você vai buscando aquilo que você realmente gosta né? Porque eu no rádio já fiz de tudo né? Eu sou apaixonado por esporte e até hoje minha praia é esporte, mas eu já fui ancora de telejornal, eu já fiz matéria policial, já fiz matéria do dia a dia. Porque é a necessidade. Você precisa no seu trabalho mostrar que é competente para tal. Então, não é apenas por gostar. Às vezes nós somos obrigados pela profissão que exercemos de fazer aquilo que não gostamos. Mas aos pouquinhos a gente vai criando gosto e de repente, termina se apaixonando. Eu sempre fui apaixonado pelo esporte, mas não me arrependo de ter feito outras coisas porque na nossa profissão tudo que você realizar é um aprendizado.

Por que você acha que foram escolhidas mulheres para apresentar o Atalaia Esporte?

É momento. Mulher tem uma participação vibrante, talvez até pela plástica né? Claro que tem homens bonitos. A presença da mulher no vídeo é diferente. Porque o esporte que a gente dizia que era mais masculino, mais de homem e a mulher veio exatamente para dar aquele toque, aquele brilho, aquela alegria. Eu acho que a TV Atalaia priorizou sempre mulheres porque ela entende que a mulher também entende de esporte como entende o homem e aqui está bem servida de apresentadoras.

**APÊNDICE 6 – PRÉ-PROJETO DESENVOLVIDO NA
DISCIPLINA DE PROJETO EXPERIMENTAL - PROSPECÇÃO
EM COMUNICAÇÃO**

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

DANDARA PRADO DE SOUZA LOPES

GUSTAVO RODRIGUES SILVA

**O PAPEL DA MULHER NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO DA TV ATALAIA**

ARACAJU-SE

2017

DANDARA PRADO DE SOUZA LOPES

GUSTAVO RODRIGUES SILVA

**O PAPEL DA MULHER NO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO DA TV ATALAIA**

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

ORIENTADOR

Profa. Me. Talita de Azevedo Deda

ARACAJU-SE

2017

SUMÁRIO

1.	TEMA	04
	1.1. Delimitação do Tema	04
2.	INTRODUÇÃO	05
3.	OBJETIVOS DA PESQUISA	
	3.1. Objetivo Geral	06
	3.2. Objetivos Específicos	06
4.	QUESTÕES NORTEADORAS	07
5.	ESTADO DA ARTE (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)	08
6.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
7.	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA	20
	REFERÊNCIAS	21

1 TEMA

1.1 Delimitação do tema

Realizar um estudo de caso para observar se a presença feminina no comando do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial.

1.2 Problema

Será que a presença feminina a frente do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é um meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial?

2 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a presença da mulher no telejornalismo esportivo é mais do que uma quebra de paradigmas, é uma realidade. A história de que futebol é só para homem está ultrapassada, mas há uma árdua história até que as mulheres se consolidasse no telejornalismo esportivo.

De acordo com Coelho (2011), era extremamente difícil, nos anos 70, ter mulheres atuando nos cadernos de esportes das empresas de jornal. O cenário foi mudando com o passar dos anos, mais precisamente, no século XX, no final da década de 1970 e início da década de 1980, quando, por exemplo, já existiam mulheres como diretoras de jornalismo esportivo do Estado de São Paulo.

Este trabalho trata-se essencialmente de observar se a presença das jornalistas Lílian Fonsêca e Rafaella Oliveira à frente do telejornal esportivo, Atalaia Esporte, veiculados na TV Atalaia, afiliada da Rede Record no estado, é um meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial.

Segundo Barbeiro e Rangel (2013), o âncora é a peça chave na comunicação da emissora com público, logo, é necessário que quem estiver apresentando deixe claro o que é informativo, interpretativo e opinativo. Ainda segundo os autores, é dever do âncora manter sempre uma postura crítica e cética, sem agradar, intencionalmente, alguém.

É necessário que se faça uma análise da inserção da mulher nos ambientes considerados “masculinos”. Hoje, as mulheres, mesmo que ainda exista preconceito e desconfiança, são consideradas referências na apresentação dos telejornais esportivos, tais como Fernanda Gentil, Cristiane Dias, Mylena Ciribelli, Renata Fan, Glenda Kozlowski, na televisão aberta, Domitila Becker, Marcela Raffael, Bárbara Coelho, nos canais por assinatura.

Nos programas da Rede Globo, como o Globo Esporte, a primeira mulher a aparecer na condução do programa foi Isabela Scalabrini, em 1987, seguida de Mylena Ciribelli, quatro anos depois.

Ao analisar os telejornais esportivos sergipanos observar-se que o cenário é dominado pelas mulheres. A problematização é saber se a presença feminina a frente do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é um meio de inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial.

Neste contexto, pretende-se obter realizar um estudo de caso sobre o Atalaia Esporte, buscando responder a problematização da pesquisa.

O objetivo principal é realizar um estudo de caso para observar se a presença feminina à frente do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é meio inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial. Os objetivos específicos são discutir sobre

gênero no jornalismo; analisar a presença feminina no jornalismo esportivo no Brasil e em Sergipe; abordar o papel da mulher para estabelecer mudanças no fazer jornalístico esportivo; observar de que forma a presença feminina trouxe uma diferenciação na narrativa e na construção da notícia sobre o esporte, na TV Atalaia.

A escolha do tema justifica-se na ascensão da mulher no comando das apresentações dos principais telejornais esportivos em Sergipe, pois, os dois principais telejornais esportivos, o Atalaia Esporte da TV Atalaia e o Globo Esporte da TV Atalaia têm mulheres na apresentação. O primeiro com Rafaella Oliveira e o segundo com Tâmara Oliveira.

Há ainda poucos estudos sobre as mulheres no telejornalismo esportivo, principalmente no cenário sergipano. É importante que se estude um fenômeno que está virando uma padronização nacional, mas que não há muitos registros de análises sobre o tema.

O Atalaia Esporte é veiculado de segunda a sábado, das 13h às 13h10, e seu histórico de apresentação é todo ele feminino. Iniciou-se em 2015, com Lílian Fonsêca, logo depois dando espaço, em 2016, para Rafaella Oliveira.

Este trabalho tem como conceito o jornalismo esportivo trabalhado por Coelho (2011), o telejornalismo esportivo trabalhado por Santos (2012) e a mulher no jornalismo trabalhado por Santos (2012). A metodologia usada é a de estudo de caso, pesquisa bibliográfica, descritiva, tendo abordagem qualitativa.

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo de caso para observar se a presença feminina à frente do programa Atalaia Esporte, da TV Atalaia, é meio inserção ou mecanismo de projeção de linha editorial.

3.2 Objetivos Específicos

- Discutir sobre gênero no jornalismo;
- Analisar a presença feminina no jornalismo esportivo no Brasil e em Sergipe;
- Abordar o papel da mulher para estabelecer mudanças no fazer jornalístico esportivo;

- Observar de que forma a presença feminina trouxe uma diferenciação na narrativa e construção da notícia sobre o esporte, na TV Atalaia.

4 QUESTÕES NORTEADORAS

- Como a presença feminina trouxe uma diferenciação na narrativa sobre o esporte, na TV Atalaia?;
- Será que a presença feminina é uma estratégia de inserção ou linha editorial?;
- Quais os objetivos das apresentadoras ao entrarem no telejornalismo esportivo da TV Atalaia?;
- Será que as apresentadoras do Atalaia Esporte, da TV Atalaia, expressam suas opiniões sobre o esporte ou apenas leem teleprompter?

5 ESTADO DA ARTE (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

5.1 JORNALISMO ESPORTIVO

Segundo Barbeiro e Rangel (2013, p.13), “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda [...]”. Apesar desta afirmação, o jornalismo esportivo demorou para ser algo popular, como será mostrado mais para frente.

O jornalismo de hoje moldou-se com o tempo e se tornou especializado graças ao interesse do público o que o consome. “[...] o jornalismo especializado é uma resposta a essa demanda por informações direcionadas que caracteriza a formação de audiências específicas.” (ABIAHY, 2000, p.5). Para reforçar essa tese, BAHIA (1990) explica que cada notícia passada deve ser feita conforme o público que o consome. “[...] a informação dirigida à cobertura de assuntos determinados em função de certos públicos, dando à notícia, um caráter específico, é jornalismo

especializado.” A especialização é que move o consumidor a buscar os mais variados tipos de assuntos no jornalismo.

O esporte não foge a essa regra. Atualmente é uma editoria forte, presente nos grandes centros jornalísticos e tem destaque nas grandes emissoras televisivas, mas a história do jornalismo esportivo é árdua. A luta para conseguir espaço entre os jornais era grande.

As modalidades esportivas no início do século XX ainda eram grandes incógnitas dentro do Brasil. Havia muitas críticas em relação às atividades desportivas como vôlei, basquete, remo, esporte mais popular da época, e principalmente ao futebol. Graciliano Ramos até arriscou-se a dizer que: “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram com facilidade na terra do espinho”. (COELHO, 2011, p.7)

De fato, o jogo criado pelos ingleses ainda não teria muitos adeptos no, hoje chamado, país do futebol, como até mesmo João Saldanha disse que a revista *Placar* nunca iria sair das primeiras páginas. Isso porque, naquela época, o esporte favorito do brasileiro era o remo. Mas a partir dali o esporte já começava a ganhar projeção nacional.

Falar em jornalismo esportivo no Brasil é voltar ao começo dos anos de 1910. Existia no estado de São Paulo, um jornal que trazia notícias de um esporte não muito conhecido na época, o futebol. Era o jornal *Fanfulla*.

Não era nada detalhado, não trazia esquemas táticos, ou escalações, mas chamava a população italiana que morava na capital paulista a criarem um time de futebol, foi assim que se deu a criação do primeiro time da capital paulista, o

Palestra Itália, o atual Sociedade Esportiva Palmeiras. “Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra” (COELHO, 2011, p.8).

Mas de fato, foi no Rio de Janeiro, em meados de 1931, que nasceu o primeiro jornal especializado em esporte, o *Jornal dos Sports*. “O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí.” (COELHO, 2011, p.9).

Já havia outro jornal à época que mostrava as notícias esportivas, era a *Gazeta Esportiva*, mas a mesma era apenas um anexo do jornal original *A Gazeta*, tornando-se especializada em esportes pouco antes dos anos de 1950.

Para traçar um paralelo interessante sobre a lenta evolução dos materiais de esporte no Brasil, basta recorrer a outros países e suas datas. Na Itália e na Argentina, por exemplo, as publicações exclusivas de esporte datam desde 1927. No Brasil, este tipo de material só foi aparecer regularmente quase 50 anos depois, na década de 1970. (BRETONES, 2010, p.13).

Na década de 60 o Brasil já se tornara uma imprensa esportiva em larga escala. Segundo Coelho (2011), o *Jornal da Tarde* mudou muita coisa em suas redações. Ao invés apenas de ter cobertura de jogos, os funcionários do jornal também eram destinados a falar sobre a administração dos clubes, as polêmicas extracampo, e sobre “[...] o futebol jogado pelos cartolas fora de campo” (COELHO, 2011, p. 10).

Nesta década, a editoria esportiva era mais vista, graças às crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho. O público, àquela época, pouco importava-se com o jogo violento, graças a leveza nas palavras dos irmãos, que aumentaram ainda mais o público do futebol.

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. (COELHO, 2011, p.17).

É importante frisar que esporte não é sinônimo de futebol. O profissional que achar que chegará a uma redação esportiva para apenas falar de futebol, está redondamente enganado. É como aponta COELHO (2011), ao citar o exemplo da jornalista Cida Santos. “[...] ela assina uma coluna semanal sobre vôlei na *Folha de São Paulo*”. (COELHO, 2011, p.37).

Cida trabalhou com esportes olímpicos na *Folha de São Paulo* e logo depois lançou um livro sobre vôlei, o que a fez ser reconhecida pelo trabalho que faz com a modalidade.

5.2 TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Como fora citado anteriormente, a informação propaga-se por vários meios, como por exemplo, a televisão, que é a que melhor ilustra o que a mensagem quer passar, pois possui o recurso de áudio e vídeo a sua disposição, mas, algumas

vezes há um tratamento torpe da notícia, algo que a faça virar efêmera, fazendo com que a informação chegue com ruído ao telespectador.

Às vezes, as matérias são feitas de forma espetacularizada e com sensacionalismo para atrair o público. A predominância da imagem na TV, em alguns casos, aliena o telespectador, pois esse veículo é um meio de comunicação pouco reflexivo e que inibe um pensamento crítico por parte do público. (BRAVO, 2009, p.21).

A televisão foi ganhando espaço na sociedade à medida que fora aperfeiçoando sua forma “[...] teve melhora significativa depois da Segunda Guerra Mundial, onde a televisão ganhou cor, tornou-se portátil e até mesmo tecnologia avançada para transmissão ao vivo.” (MELO 2013, p.38). Com o aprimoramento de cores, possibilidades de tamanhos diferentes, e as suas programações que fizeram com que a TV ganhasse espaço entre os brasileiros.

O telejornalismo foi, em seu início, uma variante do jornalismo impresso. Era uma espécie de leitura televisionada de notícias da imprensa. Como no cinema, o apresentador não passava de um narrador, uma voz de fundo, ilustrando as imagens. (MARCONDES FILHO, 2002, p.79).

No Brasil, a primeira transmissão de TV se deu pela TV Tupi, por volta de setembro de 1950, quando Assis Chateaubriand, em São Paulo, fundou a emissora. O primeiro telejornal foi o *Imagens do Dia*. Os jornais foram surgindo, e com eles, muitos aspectos do rádio foram incorporados, já que ainda não se tinha uma diferenciação na imprensa falada em geral. O maior exemplo dessa transição foi o *Repórter Esso*.

A primeira transmissão da TV em cores no Brasil foi durante a Copa do Mundo de 1970, realizada no México, de forma experimental, pela EMBRATEL, conforme explica Hohfeldt e Valles (2008). Vale ressaltar que a seleção brasileira conquistou o tri campeonato mundial naquela ocasião.

A linguagem dos telejornais começa a moldar-se como é hoje, a partir dos anos de 1990. Esporte e televisão vão encontrar-se em 1954, com a criação do *Mesa Redonda*, composto por Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida. O âncora do jornalismo, segundo Barbeiro e Rangel (2013), “[..] é ele quem participa de todas as etapas de transmissão, desde a reunião de pauta, até a avaliação final. É quem comanda a equipe dentro e fora do ar [..]” (BARBEIRO, 2013; RANGEL, 2013).

De acordo com COELHO (2011), a década de 80 foi o momento da virada do telejornalismo esportivo no Brasil. A Globo ainda não dava a importância que hoje dá as transmissões esportivas, o que fazia com que TV Record e TV Bandeirantes disputassem o posto de audiência.

A Bandeirantes até se intitulou “O canal do Esporte” e transmitiu jogos com exclusividade em campeonatos brasileiros de 1986 a 1993. Não todos, mas vários jogos – e alguns torneio – nem tiveram acompanhamento da TV Globo. Mesmo assim, no dia seguinte, o “Globo Esporte” apresentava os melhores momentos, os lances geniais, o que havia de bom e de ruim. Em suma, fazia jornalismo. (COELHO, 2011, p.65).

Depois disso, a TV Globo passou a transmitir jogos através da compra total dos direitos de transmissão de certos eventos. “Os maiores clubes do país recebem cerca de 200 milhões de reais por direitos de transmissão de todos os torneios [..]” (COELHO, 2011, p.65).

COELHO (2011) ainda se preocupa com o tratamento dado pelas emissoras à informação, retomando o que BRAVO (2009) fala. Para COELHO (2011) ainda existe uma dificuldade no fazer notícia de diferenciar o que é sensacionalismo, informação e jornalismo.

BETTI (2003) *apud* BRAVO (2009) cita que os telejornais esportivos de hoje buscam sempre trabalhar com o emocional do telespectador, fazer com que ele se envolva cada vez mais com a transmissão, de forma que aliene o telespectador aquele canal. Tudo isso graças aos artifícios que a televisão oferece.

5.3 A MULHER

5.3.1 A MULHER NO ESPORTE

A entrada das mulheres nos esportes foi uma quebra de paradigmas, afinal desde os princípios as atividades esportivas foram criadas por homens e para homens. Além disso, a crença de que a mulher nasceu para procriar e cuidar da casa proibia a participação das mulheres em competições esportivas.

Segundo Oliveira e Paixão (2010), antes da era moderna e do surgimento da industrialização, as mulheres eram excluídas da participação em diferentes eventos sociais, inclusive o esportivo. Com a chegada dessa era, a luta feminina pelo espaço aos lados dos homens ficou cada vez mais forte.

A primeira medalha feminina aconteceu no ano de 1900 durante os Jogos Olímpicos em Paris, quando foi permitida a participação de mulheres pela primeira

vez. Segundo Pfister (*apud* Oliveira e Paixão, 2010) cerca de dezessete mulheres participaram nos esportes: tênis, vela e golfe, nas chamadas de “provas mistas”.

Foi na prova de vela que pela primeira vez uma mulher ganhou a medalha de ouro como membro da equipe de um dos barcos vencedores. A Grã-Bretanha Charlotte Cooper ganhou duas medalhas de ouro, uma na competição de tênis individual e outra nas duplas mistas de tênis ao ar livre. (OLIVEIRA e PAIXÃO, 2010, p. 1).

As Olimpíadas foram suspensas por oitos anos por causa da Primeira Guerra Mundial. Segundo Oliveira; Cherem; Tubino (*apud* Santos, 2012), durante esse tempo a atleta francesa, Alice Melliart, reivindicou a participação feminina no esporte e em 1917 fundou a *Fédération Sportive Féminine Internationale* – FEFI, que lutou com o Comitê Olímpico Internacional para liberar a participação das mulheres em olimpíadas.

No século XIX, a sociedade brasileira era muito conservadora e acreditava que a prática de exercício físicos transformaria o corpo da mulher em masculino. Segundo Oliveira e Paixão, o quadro começa a se alterar quando o Brasil se tornou independente de Portugal e para se tornar uma nação reconhecida no mundo, buscou influências vinda da Europa. Nesta época, as mulheres europeias já lutavam pelo seu espaço e assim inspiraram as mulheres brasileiras.

O novo modelo de mulher era caracterizado por uma mulher independente, ativa, corajosa e autônoma. Além de buscar ultrapassar restrições e delicadeza física. Segundo Oliveira e Paixão, a participação de mulheres em eventos esportivos no Brasil começou nas décadas de 30 e 40, quando a preocupação da medicina com o controle dos corpos das mulheres era crescente.

A delegação brasileira só começou a disputar os Jogos Olímpicos em Antuérpia na Bélgica, em 1920. A primeira brasileira a entrar na delegação e disputar os Jogos Olímpicos foi Maria Lenk, com 17 anos. A nadadora participou da Olimpíadas de 1932 em Los Angeles.

Esse acontecimento foi um marco muito importante para a história do esporte feminino no Brasil porque mesmo que as mulheres não tenham começado a praticar esportes a partir dessa Olimpíada, esse fato proporcionou a divulgação da imagem da atleta de competição num tempo em que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas num grau competitivo. (GOELLNER *apud* OLIVEIRA E PAIXÃO, 2010, p. 1).

Segundo JACQUELINE *apud* (Santos, 2012), as primeiras medalhas de mulheres brasileiras aconteceram nas Olimpíadas de Atlanta em 1996. A dupla de vôlei de praia Sandra Pires e Jacqueline Silva ganharam ouro. A outra dupla de vôlei de praia, Adriana Samuel e Monica Rodrigues, conquistaram a prata. Além delas, o time de basquete feminino também ganhou medalha de prata. O bronze foi conquistado com o time feminino de vôlei de quadra.

Os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, mostraram a força e o envolvimento da mulher brasileira com as competições esportivas. De acordo com Santos (2012), 47% da delegação brasileira era feminina, o seja, cerca de 123 atletas. A proximidade da quantidade de homens e mulheres na delegação brasileira, destacaram a crescente igualdade de gêneros dentro dos esportes.

Atualmente, temos muitos nomes femininos famosos no esporte, como a jogadora de futebol Marta, a ex-ginasta Daiane dos Santos, a ex-jogadora de

basquete Hortência, a judoca Sarah Menezes, ex-saltadora Maurren Maggi e muitas outras mulheres das quais os brasileiros sentem orgulho.

5.3.2. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

A participação das mulheres no esporte influenciou a paixão e o interesse das mesmas pelo jornalismo esportivo. No começo apenas homens eram narradores e repórteres de esporte, mas a mulher ganhou seu espaço e hoje temos nomes fazendo sucesso como Fernanda Gentil, Cristiane Dias, Mylena Ciribelli, Renata Fan, Barbara Coelho e outras.

Segundo Peres (*apud* Santos, 2012), as mulheres praticavam esportes e, com isso, adquiriam conhecimento para comentar e divulgar informações esportivas. No início, as mulheres que trabalhavam em programas esportivos tinham funções que não faziam parte do jornalismo, como fazer propagandas ou ler scripts.

Coelho (2013) afirma que nas redações esportivas de todo o Brasil, existem em torno de 10% de mulheres. Mas até chegar a esse ponto, as primeiras mulheres sofrem muitos preconceitos. Atualmente, mulheres são repórteres, apresentadora, produtores e até ocupam cargos de chefia dentro das redações.

Maria Helena Rangel é considerada a primeira jornalista esportiva do Brasil. Segundo Ramos (2010), começou em 1947, aos 21 anos, quando foi convidada para escrever na Gazeta Esportiva. Na época em que foi convidada para o jornal, cursava faculdade na Cásper Líbero. Além disso trabalhou no Departamento de Esportes da Prefeitura de São Paulo e dava aulas de Educação Física.

A jornalista era atleta de Arremesso de Disco, participou das equipes do Esporte Clube Tietê e do Esporte Clube Pinheiros, sendo campeã por oitos anos. Recebeu o Troféu Brasil pelo primeiro lugar no lançamento de disco, em 1945. Foi campeã paulista por sete anos seguidos (de 1945 à 1950). Em 1949, foi campeã sul-americana pela equipe brasileira em Lima, no Peru.

A sua carreira durou apenas cinco anos. De acordo com Prizibiszki (2007), eu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948 a 30 de setembro de 1953. Neste tempo a jornalista cobriu campeonatos e viajou por muitos países. A autora ainda conta que o motivo para o fim da carreira foi uma proposta melhor de emprego para professora de Educação Física na cidade de Catanduva.

No interior, Maria Helena casou-se com Mário Francisco Faber, teve três filhos e sete netos. A jornalista faleceu em 2000, na cidade de Taquaritinga, vítima de um AVC. Em 2006, foi inaugurada, em Taquaritinga, a Escola Municipal de Educação Infantil Maria Helena N. Rangel Faber em homenagem a jornalista.

Regiani Ritter é uma das pioneiras do jornalismo esportivo no Brasil. Nascida em Ibitinga, São Paulo. Segundo Rezende (2014), Regiani começou a carreira como atriz até ser contratada pela Rádio Gazeta em 1980 para apresentar um programa musical. Três anos depois foi convidada a substituir repórteres em folga e fazer cobertura dos times paulistanos.

O autor ainda afirma que Ritter, na época em que trabalhou na TV Gazeta como produtora e comentarista do programa Mesa Redonda, sofria preconceito dos colegas de profissão. Nessa mesma época, Regiani também participava das transmissões dos jogos.

A jornalista teve uma passagem rápida pela TV Record. No início da década de 1990 voltou para a TV Gazeta e depois foi para a Rádio Gazeta. Em 1991 foi escolhida a melhor jornalista do ano pelo jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Foi a primeira narradora como âncora na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos.

Regianni Ritter é uma das mais completas profissionais da comunicação e foi pioneira no jornalismo esportivo, quebrando preconceitos e paradigmas. Muitas mulheres atuam hoje no esporte, mas tudo começou com ela. ” (REZENDE, 2014, p.1).

Em 2010, teve seu nome escolhido para denominar uma categoria no Prêmio da Associação 14 dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. A Categoria Regiani Ritter premia anualmente mulheres que se destacam no jornalismo esportivo. Desde 2005, comanda o programa Disparada do Esporte, na Rádio Gazeta.

Uma das primeiras jornalistas fotógrafas de São Paulo, Mary Zilda Grassia Sereno, era apaixonada por futebol. Nasceu no Rio de Janeiro em 1911, onde trabalhou como técnica de radiografias num hospital. De acordo com Ramos (2010), Mary tentou começar a carreira no fotojornalismo ao flagrar uma feira italiana eufórica com a vitória do seu país na Copa do Mundo de Futebol em 1934 e entregou ao jornal O Globo do Rio de Janeiro. A foto foi publicada, mas Mary Sereno não foi contratada como funcionária pelo fato de ser mulher.

Mudou-se para São Paulo e trabalhou no jornal Hoje, O Dia, O Tempo, A Gazeta Esportiva, A Hora e na Época. Segundo Ramos (2010), a jornalista precisou

passar por uma “prova de fogo” para conseguir o primeiro emprego no jornal Hoje, quando teve que ir ao necrotério fotografar um cadáver em decomposição.

As redações de jornais e revistas de São Paulo estão cheias de mulheres jornalistas, mas no Pacaembu em dias de jogos ou nos incêndios dos edifícios da cidade há somente uma mulher sindicalizada fotografando profissionalmente numa rotina que se repete há 33 anos: Mary Sereno. (OLNEY KRUSE *apud* Ramos, 2010).

Ramos (2010) ressalta que Mary era fotografa de “geral”, mas gostava de cobrir futebol e era o que cobria com mais frequência. Mary entrava facilmente nos vestiários para fotografar os jogadores, ato considerado de valentia. A autora ainda conta que os colegas avisavam para quem estava se trocando que a jornalista estava entrando no vestiário e ela tratava isso com naturalidade.

Olney Kruse *apud* Ramos (2010), em uma entrevista com Mary Sereno para o Jornal da Tarde em 1981, conta sobre um grave acidente sofrido pela jornalista em 1976. Mary trabalhava na Assessoria de Imprensa do prefeito Reynaldo de Barros e voltava de um trabalho de documentação de desapropriação do Metrô, quando foi atropelada por um carro, no qual o motorista fugiu. Teve pernas, braços, costelas quebradas e agora tem ferros e enxertos por todo o corpo. Mary Sereno morreu em 1998 em São Paulo.

5.3.3 A MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

O telejornalismo esportivo exige procedimentos diferentes dos encontrados nos outros meios. Afinal, apenas narrar o que a pessoa já está vendo com a imagem,

não é agradável para os telespectadores. Para ir além os programas esportivos são compostos de vida pessoal dos atletas, preparação dos times para os jogos, história do futebol, curiosidades, e muitos outros temas.

Para entrar no meio televisivo, a mulher também teve muita luta de quebra de paradigmas contra os preconceitos. O que antes era assunto apenas de homem, passou a ser assunto feminino também. De acordo com Ramos (2010), as mulheres chegaram para soltar o verbo, afinal entendem de basquete, rali, Fórmula 1 e futebol. A autora ainda destaca que as mulheres apresentam desenvoltura e mais emoção, o que causa uma cara nova aos telejornais e programas esportivos.

Isabela Scalabrini está entre as primeiras mulheres no telejornalismo esportivo brasileiro, segundo Baggio (2012). A jornalista é repórter da Globo desde 1979 e fez parte da primeira equipe do Globo Esporte, onde cobria diversas modalidades esportivas. Em 1992, Isabela saiu da divisão de Esporte e passou a trabalhar para a editoria Rio, também pertencente a Globo.

Em 1979, eram mais de mil candidatos a entrar para a Globo. Entre eles foram escolhidas apenas dez mulheres, e Isabela estava entre elas. A seleção foi feita pelos próprios editores do Jornal Nacional. No estágio, aprendeu a apurar, filmar e editar. (MEMÓRIA GLOBO, 2007).

Para Soares e Michel (*apud* BAGGIO, 2012), nas últimas décadas, a relação da mulher com o esporte foi além dos quadra e campos, buscando demarcar um novo território. Algumas das jornalistas esportista já foram praticantes de esportes ou parte do grupo de amantes de alguma modalidade esportiva.

A jornalista Glenda Kozlowski faz parte do grupo mulheres que eram atletas e se tornaram jornalistas. Segundo Memória Globo (2007), a jornalista começou a surfar aos 10 anos. No ano seguinte, venceu o primeiro Circuito Brasileiro de BodyBoard e ganhou uma viagem para o Havaí. Aos 15 anos, ganhou o primeiro título mundial, no campeonato amador de bodyboard, no Havaí. Após virar atleta profissional, foi campeã mundial por quatro vezes, além de acumular cinco títulos brasileiros, dois norte-americanos e três australianos.

Nos Jogos Olímpicos do Rio em 2016, Glenda foi escalada para fazer parte da equipe de locutores esportivos, sendo a primeira mulher a ocupar essa função na Globo. (MEMÓRIA GLOBO, 2007)

Ingressou no jornalismo após um convite do jornalista Gilberto Conde para apresentar o programa 360º, no canal Top Sport atualmente o SporTV. Começou a trabalhar na Globo em 1996, no programa Esporte Espetacular. De acordo com Memória Globo (2007), a primeira cobertura internacional foi na Olimpíada de Sidney. Além disso, participou de outras Olimpíadas, Jogos Pan-americanos e Copas do Mundo. Comandou o Esporte Espetacular até 2016 ao lado de nomes como Tande, Tino Marcos, Ivan Moré e Alex Escobar.

Outra mulher de destaque no jornalismo é a Renata Fan. De acordo com Band (2017), a jornalista se tornou a primeira mulher a comandar uma mesa redonda de futebol no Brasil após assumiu o comando do Jogo Aberto, na Band, em 2007. Renata ingressou na televisão em junho de 2003, como apresentadora do programa Debate Bola (Rede Record), diariamente ao meio dia, e do programa Terceiro Tempo (Rede Record) ao lado de Milton Neves, aos domingos à noite.

Além das duas atrações esportivas da Record, Renata apresentou o Golaço, da Rede Mulher, de 2005 a dezembro de 2006. Em 1997, participava, em Porto Alegre, do programa Tele Domingo, da RBS TV (afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul) apresentando os principais eventos culturais do fim de semana. (SITE OFICIAL DA RENATA FAN, 2011)

O programa Jogo Aberto (Rede Bandeirantes) tem como apresentadora a Renata Fan desde o início, no dia 5 de fevereiro de 2007. A apresentação é ao vivo e acontece de segunda a sexta-feira às 11h15min. Segundo Baggio (2012), o Jogo Aberto é um programa de notícias e debates com foco principalmente no futebol, com participação de ex-jogadores e especialistas no assunto. O elenco é composto por Denílson, Ronaldo Giovanelli, Edmundo, além dos especialistas Dr. Osmar, Mauro Beting e Ulisses Costa.

5.4 MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO DA TV ATALAIA

O Atalaia Esporte é o atual programa esportivo da TV Atalaia, mas antes dele já tiveram outros como o Esporte Agora. Como a sua estreia em abril de 2014, o programa foi criado com intuito oferecer espaço na televisão não só para o esporte profissional, como também, para o esporte amador, e também para suprir uma necessidade que a emissora tinha na cobertura das modalidades esportivas.

No início tinha a apresentação de Lílian Fonsêca com comentários de Raimundo Macêdo. Em 2016, o comentarista assumiu temporariamente o programa e no mês de maio, Rafaella Oliveira foi convidada para apresentar o Atalaia Esporte, que atualmente é transmitido de segunda à sexta das 13h às 13h10. A apresentadora Rafaella Oliveira já comandava outro programa esportivo transmitido na emissora, porém de “espaço comprado”, o Esporte na Área, que era transmitido aos sábados.

Outras informações sobre este tema serão adquiridas em entrevistas realizadas durante o estudo.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste projeto será utilizado como metodologia a estudo de caso, pesquisa bibliográfica, através de materiais já publicados ter uma base para o desenvolvimento do estudo, como livros e artigos. Tendo como principal vertente os autores Coelho (2011), Santos (2012) e Ramos (2010). Em paralelo, será feita as entrevistas feitas com as apresentadoras Lílian Fonsêca e Rafaella Oliveira, da TV Atalaia, utilizando também a pesquisa qualitativa. Além da entrevista

com comentaristas, apresentadores e colegas de trabalho do núcleo esportivo que trabalharam, na época, com estas jornalistas.

Além disso, como objetivo utilizando a pesquisa exploratória, para uma maior aproximação com o objeto estudado, pois ainda há poucos estudos sobre a presença da mulher à frente dos telejornais esportivos.

O primeiro passo será analisar e adequar o pré-projeto de acordo com os estudos obtidos. Ao mesmo tempo, revisaremos a literatura utilizada no pré-projeto para ser aplicada no Trabalho de Conclusão de Curso, buscando adaptar novas biografias e aumentar o conhecimento aplicado.

As entrevistas com as apresentadoras dos telejornais esportivos da TV Atalaia, Lílian Fonsêca, que ficou de 2015 à 2016, e Rafaella Oliveira, que está no comando da atração desde 2016, serão feitas diretamente, em local pré-agendado e com a utilização de um gravador de voz. Entraremos em contato com as apresentadoras através de telefonemas e/ou conversas particulares para agendar as entrevistas. Além das jornalistas, serão entrevistados corpo administrativo e produtor do Atalaia Esporte.

Logo após as entrevistas, será feita a decupagem do material gravado e servirá como base para o conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso. Após esses feitos, utilizaremos os resultados das entrevistas para tirar as conclusões sobre o estudo do nosso objeto.

Com os resultados e as conclusões em mãos, começaremos a redigir o Trabalho de Conclusão de Curso utilizando juntamente a bibliografia aplicada no pré-projeto e as novas fontes bibliográfica encontradas. Tendo como objetivo

responder o problema apresentado anteriormente, além de alcançar os objetivos traçados, conquistando a conclusão do projeto.

7 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

ATIVIDADE	SEMESTRE 2016/2				
	AGOSTO	SET	OUT	NOV	DEZ
Análise e adequações pré-projeto	X				
Revisão da literatura	X	X			

Entrevistas			X	X	
Análise de entrevistas				X	
Redação		X	X	X	
Conclusão				X	
Apresentação a banca de qualificação				X	

REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. 2000. Ensaio do trabalho de conclusão de curso.

BAGGIO, Luana Maia. **Representação da Mulher no Telejornalismo Esportivo: A atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV**

Bandeirantes. Santa Maria: 2012. Disponível em: <

<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-no->

telejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programa-jogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf > Acesso em: 02/05/2017.

BAND. Jogo Aberto. **Site oficial da Band**. 2017. Disponível em: < <http://www.band.com.br/jogoaberto>> Acesso em: 02/05/2017.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. 2 ed. São Paulo, editora Contexto, 2013.

BRASIL, Portal. **Associações, federações e confederações**. 2009. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/esporte/2009/10/associacoes-federacoes-e-confederacoes> > Acesso em: 14/05/2017.

BRASIL. Decreto nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial, Rio de Janeiro, RJ, 16 abr. 1941. Seção 1, p. 7453.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. **Elas assumiram o comando: As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo**. 2009. Trabalho de monografia.

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. **Redação Sportv: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico**. 2010. Trabalho de monografia. Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf> > Acesso em: 21/04/17

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª ed. São Paulo, editora Contexto, 2011.

DA SILVA, Gislaine Chagas. **O cenário das mulheres no jornalismo esportivo**. Disponível em: < <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/o-cenario-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/58081> > Acesso em: 21/04/17.

FREITAS, Daiane Miranda de. **Competência de lideranças dos presidentes das Federações Olímpicas Brasileiras**. 2015. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79922/2/36178.pdf> > Acesso em: 14/05/2017.

GLOBO. Memória Globo sobre Glenda Kozlowski. **Site oficial do Globo**. 2007. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/glenda-kozlowski/trajetoria.htm>> Acesso em: 02/05/2017.

GLOBO. Memória Globo sobre Isabela Scalabrini. **Site oficial do Globo**. 2007. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/isabela-scalabrini/trajetoria.htm> > Acesso em: 02/05/2017.

HOHFELDT, Antônio; VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e história do jornalismo brasileiro na “Revista de Comunicação”**. Porto Alegre, editora EdiPUCRS, 2008.

IMPrensa. Prizibiszki, Cristiane. **Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início.** 2007. Disponível em:

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio > Acesso em: 08/05/2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos.** 2ª Ed. São Paulo, editora Hacker Editores, 2002.

MELO, Emmily Dayanna dos Santos. **A presença da mulher como âncora no telejornalismo esportivo em Roraima.** 2013. Trabalho de monografia. Disponível em: < <https://ufr.br/comunicacao/index.php/televisao-pdf?download=346:melo-emmily-dayanna-dos-santos> > Acesso em: 21/04/17.

OLIVEIRA, Marina Fernandes de; PAIXÃO, Jairo Antônio da. **Prática desportiva feminina: análise histórica de sua trajetória e implicações no âmbito das aulas de Educação Física escolar.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 141 - Febrero de 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd141/pratica-desportiva-feminina.htm> > Acesso em: 21/04/2017.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: a grande invasão.** São Paulo: Imprensa Oficial; Fundação Casper Líbero, 2010.

REZENDE, Otto. **Conheça a trajetória da primeira jornalista de esportes do Brasil. 2014.** Disponível em: < <http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalista-regiani-ritter.html> > Acesso em: 21/04/17.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez: A invasão das mulheres no Jornalismo Esportivo Televisivo Brasileiro.** Brasília: 2012. Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf> > Acesso em: 21/04/2017.

ANEXO 1 – Espelho da estreia do Atalaia Esporte

EASYNEWS		Software licenciado para: TV Atalaia		Pág: 1 09:06				
Espelho ATALAIA ES			31/03/2014 00:19:05					
Ordem	Tipo	M. Retranca	MUN. REP.	Cab	VT	Mat	Fita	Observaçãc
***** 1º BLOCO *****					08:45	00:20:00		
001	VT	VT - ESCALADA	ARAC	00:25	01:06	01:31		
002	VT	GINASTAS FINAL CAMPEONATO	ARAC	gust 00:08	01:30	01:38		
003	VT	FALCÃO EM ARACAJU	ARAC	SARA 00:14	03:48	04:02	POLAK	
004	VT	TÊNIS DE MESA	ARAC	l fon 00:05	00:40	00:45		
005	VTPAS	PASSAGEM BLOCO 1	REGI	00:09	00:40	00:49		
***** 2º BLOCO *****					10:20			
006	NCOB	GOLS NACIONAIS	ARAC	EDUA 00:13	00:40	00:53	POLAK	
007	ADEF	COMENTARIO RAIMUNDO	ARAC	00:11	01:30	01:41		
008	VT	CONFIANÇA X ITABAIANA	ARAC	FTEL 00:12	02:08	02:20		
009	VT	CORITIBA X SERGIPE	ITAB	gust 00:09	02:15	02:24		
010	ADEF	COMENTÁRIO LOCAL	ARAC	00:04	02:00	02:04		
011	VTENC	VT ENCERRAMENTO	ARAC	00:28	00:30	00:58		

Fonte: TV Atalaia.

ANEXO 2 – Escala da estreia do Atalaia Esporte

EASYNEWS	Software licenciado para: TV Atalaia	31/03/2014 09:06 Pág: 1
ATALAIA ES		BLOCO: 1 / 001
CÓDIGO: 100009	ASSUNTO: VT/VT - ESCALADA	CAB: 00:25
MUNICÍPIO: ARACAJU	REPÓRTER:	VT: 01:06
APRESENTADOR: lfonseca	EDITOR: FTELES	TOTAL: 01:31
		OBS:
<p>OLÁ PESSOAL, BOA TARDE... COMEÇA AGORA O MAIS NOVO PROGRAMA ESPORTIVO DA TV SERGIPANA/ O ATALAIA ESPORTE// A PARTIR DE HOJE SEMPRE AO MEIO-DIA VAMOS DESTACAR O QUE SERGIPE TEM DE MELHOR./ O ATALAIA ESPORTE ABRE ESPAÇO PRA TODAS AS MODALIDADES./ SE VC É ATLETA, TÉCNICO, PROFESSOR OU CONHECE ALGUÉM QUE TEM UMA BOA HISTÓRIA PRA CONTAR./ O LUGAR É AQUI NO ATALAIA ESPORTE./ VEJA O QUE VEM POR AÍ NO PROGRAMA DE ESTREIA./</p> <p>BRASIL DE OURO... NO PAN DE GINASTICA EM ARACAJU A SELEÇÃO BRASILEIRA DEU SHOW...</p> <p>MELHOR DO MUNDO... FALCÃO VISITA ARACAJU E LANÇA ESCOLINHA DE FUTSAL...</p> <p>NO FUTEBOL... TEM A REABILITAÇÃO DO SERGIPE EM ITABAIANA... E O GOLAÇO QUE DEU MAIS UMA VITÓRIA AO CONFIANÇA NO SABINO RIBEIRO...</p>		

Fonte: TV Atalaia.